

POR QUE EU SOU ESPÍRITA

COMO EU ME TORNEI, COMO EU COMPRENDO

GEORGE MÉLUSSON



GEORGES MELUSSON - POURQUOI JE SUIS SPIRITE

COMMENT JE LE SUIS DEVENU,

COMMENT JE COMPRENDS LE SPIRITISME

ÉDITIONS DE LA SOCIÉTÉ D'ÉTUTES PSYCHIQUE ET SPIRITES

LYON (1931)

Centre Spirite Lyonnais
 Allan Kardec



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

O Espiritismo

Eu não hesito em dizer que aquele que declara que os fenômenos espíritas são contrários à ciência não sabe do que fala.

Camille Flammarion

Evitar o fenômeno espírita, não lhe conceder a atenção à qual ele tem direito, é fracassar com a Verdade.

Victor Hugo

Aquele que, fora da matemática pura, pronuncia a palavra "IMPOSSÍVEL" carece de prudência.

E. Arago

Eu não digo que isso é possível: eu digo que isso é.

William Crookes

Eu me afirmo espírita porque tive que aceitar os fenômenos como realidades.

A sobrevivência está cientificamente provada.

Oliver Lodge

Eu era um materialista tão completo e tão convicto, que não podia ter em meu espírito nenhum lugar para uma vida espiritual. Mas os fatos são coisas irreduzíveis, e os fatos me venceram. Os fenômenos espíritas são tão comprovados quanto os fatos de todas as outras ciências.

Russel Wallace

Data da publicação: 11 de março de 2017

TRADUTOR: Abílio Ferreira Filho

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

ÍNDICE

Georges Mélusson (Biografia).....	05
Prefácio da obra (Jorge Hessen)	09
Primeira Parte	
I - Por que eu sou espírita	11
II - Minhas constatações.....	15
III - Existe todo um mundo habitualmente invisível.....	17
IV - As comunicações com o mundo extraterrestre.....	21
V - Justificação das reencarnações	27
VI - As materializações	30
VII - Resumo dos capítulos precedentes.....	35
Segunda Parte	
VIII - Como compreendo o Espiritismo.....	37
IX - O verdadeiro espírita.....	57
X - Conclusão	61
Apêndice	
Sugestões de leituras	68



Georges Mélusson

O Grande Pesquisador Espírita Incansável

Na Busca Pela Imortalidade Da Alma No Além-Túmulo

(1865 - 1932)

(Os Últimos Combatentes Espíritas Da França De Allan Kardec)

*

Nascido em 1865, em uma família católica de Lyon.

Filho de um materialista convicto e de uma católica que foi criada em um convento onde ela tinha entrado para pronunciar seus votos, a educação foi totalmente voltada para o materialismo integral.

Com a idade de 17 anos, assistia um dia a uma sessão de magnetismo, sonambulismo e lucidez, que ele se interessou no mais alto grau. Empiricamente, ele tentou reproduzir os fenômenos que tinha testemunhado; buscava sensitivos magnéticos para obter esses fenômenos e, obteve resultados espantosos que incitaram a trabalhar cada vez mais nesse campo especial.

Chegava assim até o começo desse século, tendo obtido fenômenos inacreditáveis de lucidez à distância, mas não se ocupando de modo nenhum de espiritismo, não conhecendo nem a coisa, nem a palavra. tomava por histórias pouco sérias as narrativas de fantasmas e de almas do outro mundo, em que se resumia pouco depois para mim todas as "fantasias ocultas".

Um dia, por volta de 1906, em que fazia experiências de lucidez a 12 ou 15.000 quilômetros de distância com uma sensitiva (uma jovem que só conhecia a língua inglesa) que (eu não sabia então por que nem como) aliviava frequentemente leves indisposições, simplesmente aplicando-

lhe alguns passes com ou sem contato; ela me pedia, antes de começar a sessão, para curar-lhe as pálpebras que doíam horrivelmente.

Após alguns passes destinados a adormecê-la e a colocá-la no estado conveniente para as experiências em questão, que curava a seu pedido e que coloquei em apoiá-la, com meus polegares, através das pálpebras sobre os globos oculares e girando, emitindo mentalmente, como sempre, o profundo desejo de lhe ser útil; sem lhe observar os olhos, continuava meus passes até um momento em que, por suas condições de insensibilidade, eu a julgava em estado de sono lúcido.

Ao aproximava dela para lhe fechar os olhos, quando, recolhendo docemente as mãos, ela me perguntou quem era o cavalheiro tão gentil, tão afável, com um olhar cheio de bondade que se encontrava atrás de mim; eu me virei num movimento brusco, pois estava longe de supor que havia ali uma testemunha, nos espiando; mas eu não vi ninguém.

A curiosidade ficou, não é preciso dizer, despertada ao máximo; e fiz à sensitiva perguntas e mais perguntas. Ela descreveu o aspecto, a fisionomia, a expressão e o rosto de meu pai, falecido há pouco, e causou uma grande perturbação, pois eu ainda era profundamente materialista nessa época; durante vários meses, examinava com atenção todas as possibilidades que me vinham à mente: leitura ou transmissão de pensamento, lucidez na visão de um retrato, ou simplesmente imaginação, alucinação dela ou minha; mas uma após a outra eu rejeitava todas essas hipóteses.

Tudo aquilo foi tão incompreensível para mim, o personagem em questão respondendo com a personalidade de meu pai, podia fazer gestos, podia me ouvir e me compreender, embora não existisse a reciprocidade; ele devia então poder se comunicar por gestos e me veio a idéia de colocar questões em princípio podendo se resolver por um sim ou um não com um sinal da cabeça, em seguida por frases cujas palavras seriam indicadas soletrando as letras por movimentos de braços, segundo a posição que essas ocupam no alfabeto.

Eu repito, era naquele momento completamente profano em relação ao Espiritismo, e com mais forte razão, experiências de golpes de pancadas e comunicações obtidas por procedimentos análogos aos que eu empregava por minha vez.

Desde a primeira sessão quando eu utilizava o meio de correspondência por letras, o comunicante afirmou que era o espírito de meu pai e sobre minha questão: "O que é um espírito?" ele me aconselhou a ler as obras de Allan Kardec e de Léon Denis, o que eu fiz desde minha volta à Europa, em 1907.

Eu me lançava de corpo e alma nas pesquisas minuciosas, lendo vários milhares de volumes a favor e contra o espiritismo, assistindo a centenas de sessões, denunciando a fraude ou a mistificação em numerosos casos, estabelecendo em muitos outros a alucinação, a imaginação ou o erro. O resultado me conduziu, depois de cinco novos anos, a constatações que eu posso resumir como segue (digo bem "constatação" e não "crenças" ou "suposições").

Despojei de mim o velho homem, fazendo tábua rasa de tudo o que eu tinha aprendido, de tudo o que eu sabia anteriormente desde minha infância concernente à vida, à filosofia, às religiões, à moral e Deus.

Georges Mélusson filiou-se às fileiras do Espiritismo e se tornou um ardente defensor do Espiritismo que foi alimentado pelas constatações da sobrevivência da alma no além-túmulo e na orientação do Codificador do Espiritismo, o mestre de Lyon, Allan Kardec.

Alphonse Bouvier diretor de revista "La Paix Universelle", muito conceituado nos meios espíritas, dedicada ao estudo do magnetismo curativo e ao espiritismo experimental passou a presidência a seu novo pupilo George Mélusson, permanecendo como presidente honorário e presidindo a seção magnetismo.

Em 1918, Georges Mélusson ingressou na Sociedade Fraternal de Estudo Científico e Moral do Espiritismo, na rua Terraille, 7 na cidade de Lyon, logo após, ele se tornou o vice-presidente desta associação que foi criado por Adolphe Laurent de Faget que representou um grande bastião na defesa dos postulados do Espiritismo como diretor do jornal Progrès Spirite, que era o mais lido no mundo espírita daquela época.

Em 1919, fundou, com Alphonse Bouvier a Sociedade de Estudos Psíquicos e Espíritas de Lyon e, posteriormente, ajuda na Federação Espírita de Lyon.

Georges Mélusson publicou em 1931 uma obra intitulada "Pourquoi je suis spirite" (Porque eu sou espírita).

Georges Mélusson foi contemporâneo e conviveu com os grandes gigantes do Espiritismo como: Léon Denis, Gabriel Delanne, Felix Remo, Léon Chevreuil, Jean Meyer, Coronel de Rochas, Professor Charles Richet, Maître Philippe e participou na era de ouro em que eram produtivos e saudáveis os Congressos Espíritas.

Proclamou as palavras que reverberava a fé racional que foram ditadas pelo Espírito da Verdade Codificadas por Allan Kardec.

Primeiramente, eis minha definição do Espiritismo, dizia:

É uma compreensão especial científica, filosófica e moral dos seres e das coisas.

"Porque foi dentro do Espiritismo que encontrei uma concepção da vida, uma explicação de nossa existência e de nosso destino, uma moral e um senso de religião que me satisfizeram plenamente quanto a todas essas relações; foi ela que suprimiu em mim todo medo da morte, fez-me compreender a bondade e como chegar a ela; foi por ela que eu recebi as mais plausíveis respostas quanto às questões: Por que a vida? Quem somos? De onde viemos? Onde vamos?"

E, assim, eu devo dizer também que tive provas da realidade dos fatos que apresento, os quais me levaram a concluir que é no Espiritismo que se encontra a maior parte do pouco de verdade que é permitida aos humanos conhecer durante sua vida material."

O último grande espírita francês Georges Mélusson desencarnou em 1932, na cidade de Lyon, na França. (*)

() O Movimento Espírita da França e na Europa no começo da década de 1930, estava praticamente morto, os grandes líderes espíritas que conheceram as grandes lutas travadas por Allan Kardec estavam em sua maioria desencarnados, e os que haviam estavam idosos, conforme se refletem no último grande Congresso Espírita de Londres de 1928 realizado no velho continente. Aonde as dezenas delegações espíritas de diversos países era como uma Torre de Babel.*

Irmão W. e Jorge Hessen

PREFÁCIO

Georges Mélusson encontrou uma concepção da vida, uma explicação para a existência e o destino, uma moral e um sentido de religião que lhe deu plena satisfação sob todos os aspectos. Para Mélusson O Espiritismo suprimiu todo temor da morte e fez compreender a felicidade e como alcançá-la; e deu as mais plausíveis respostas às questões: Por que a vida? O que somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Tornou-se espírita com a idade de 17 anos, após assistir a uma sessão de magnetismo, sonambulismo, onde se interessou no mais alto grau.

Nesta obra Mélusson registra a demonstração da existência do mundo invisível onde fui obrigado a acreditar e admitir conforme narrado no capítulo III. Teve provas indiscutíveis das comunicações dos espíritos descrevendo-as no capítulo IV. Não acreditava na reencarnação até que teve justificações absolutamente indiscutíveis, conforme registra e descrevo no capítulo V. Era cético sobre as materializações dos Espíritos até que as tocou e reconheceu sua veracidade descritas no capítulo VI.

Em razão disso Mélusson viu, ouviu, tocou, eu teve provas inegáveis, demonstrações formais tornando o Espiritismo uma crença, uma fé, uma hipótese, é uma certeza absoluta.

Para chegar a esse nível de compreensão despojou-se do velho homem, fazendo tábua rasa de tudo o que tinha aprendido, de tudo o que sabia anteriormente desde minha infância concernente à vida, à filosofia, às religiões, à moral e Deus; reestudando novamente essas questões com um cérebro virgem, procurou como alguém que não tivesse nenhuma bagagem, nenhum saber sobre esses diferentes pontos.

Para Mélusson o atrativo do maravilhoso, do desconhecido, do misterioso sempre foi considerável junto das multidões. Essa parte experimental constitui o estudo dos fenômenos psíquicos e espíritas. E para que esse estudo seja frutuoso, é indispensável conduzi-lo de uma maneira lógica e racional.

Reafirma, pois, que a verdadeira vida é toda no além túmulo; penetrai aqueles seus mistérios que vos é permitido conhecer; pensai que nada

no mundo pode ter para vós mais importância do que o conhecimento de vosso destino; procurai e achareis.

Mélusson afirma que ser espírita necessitaria de desenvolvimentos quase tão consideráveis quanto os que Allan Kardec achou útil tratar para responder à interrogação: "O que é o Espiritismo"?

Alguns dizia que Mélusson não era um espírita porque não confirmou, literalmente, todos os detalhes ensinados por Allan Kardec. Todavia, para ele, ser espírita é admitir completamente ponto a ponto todas as bases fundamentais do espiritismo tais como as expõe Kardec e eu declaro estar absolutamente certo e convicto de todas as ditas bases.

Mélusson escreveu: "Um último caráter da revelação espírita, e que sobressai mesmo das condições nas quais ela é feita, é que, se apoiando nos fatos, ela só pode ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação." Eu não vejo nenhuma divergência entre minha maneira de compreender o espiritismo e a exposta por Allan Kardec, se não o intervalo de tempo de 62 a 75 anos que as separam.

Diz que muitos sábios tratam desdenhosamente os espíritas, consideram-nos como "amadores" não tendo nenhum saber, audaciosos que invadem suas prerrogativas se metem em coisas de seu domínio. Há evidentemente entre os espíritas, simplistas, ingênuos, muito crédulos, místicos excessivos que não deveriam se ocupar dos fenômenos, mas os intelectuais anti-espíritas que se classificam na categoria dos sábios, não deveriam esquecer que seus predecessores repeliram mais ou menos todas as grandes invenções e descobertas em todos os domínios, no momento de suas aparições, e que isso continua!

Mélusson afiança que não tem a pretensão de afirmar que não haja outros aspectos da luz e da verdade, mas está convicto de que esse apresentado pelo Espiritismo é um dos mais, senão o melhor, compreensível pela massa; para os privilegiados destinados a penetrar mais adiante, é um trampolim deixando mais fácil a ascensão aos cumes maravilhosos do Conhecimento.

São Paulo, 11 de Março de 2016

Jorge Hessen

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Por que eu sou espírita

Antes de tudo, eis a minha definição do espiritismo:

É uma compreensão especial científica, filosófica e moral dos seres e das coisas.

POR QUE EU SOU ESPÍRITA? Porque foi na doutrina do espiritismo que eu encontrei uma concepção da vida, uma explicação de nossa existência e de nosso destino, uma moral e um sentido de religião que me deu plena satisfação sob todos os aspectos; foi ela que suprimiu de mim todo temor da morte, me fez compreender a felicidade e como alcançá-la; foi por ela que eu recebi as mais plausíveis respostas às questões: Por que a vida? O que somos? De onde viemos? Para onde vamos?

E depois, eu devo exprimir com precisão também que tive provas - e desejo expô-las aqui clara e publicamente - da realidade dos fatos que eu adianto, os quais me levaram a concluir que é no espiritismo que se acha a maior parte do pouco de verdade que é permitido aos humanos conhecer durante a vida material.

COMO EU CHEGUEI AO ESPIRITISMO? Oh! De uma maneira extremamente bizarra.

Filho de um materialista convicto e de uma espiritualista católica criada em um convento onde ela tinha entrado para pronunciar seus votos, minha primeira educação foi totalmente voltada para o materialismo integral (nada fora da matéria).

Com a idade de 17 anos, então há mais de 40 anos, eu assistia um dia a uma sessão de magnetismo, sonambulismo e lucidez, que me interessou no mais alto grau. Empiricamente, eu tentei reproduzir os fenômenos que eu tinha testemunhado; eu buscava sensitivos magnéticos para obter esses fenômenos e, para minha grande surpresa,

obtive resultados espantosos que me incitaram a trabalhar cada vez mais nesse campo especial, o qual começava somente a ter acesso no seio da ciência oficial, após ter sido repelida até então.

Eu chegava assim até o começo desse século, tendo obtido fenômenos inacreditáveis de lucidez à distância, mas não me ocupando de modo nenhum de espiritismo ¹, não conhecendo nem a coisa, nem a palavra. Eu tomava por histórias pouco sérias as narrativas de fantasmas e de almas do outro mundo, em que se resumia pouco depois para mim todas as "fantasias ocultas".

¹ Allan Kardec, fundador do espiritismo, em "O que é o Espiritismo?", diz que se pode defini-lo assim: é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e de suas relações com o mundo corporal. É verdade que ele estende essa definição como segue: o espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste das relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que resultam dessas relações. Mas, não há só consequências morais que resultam dessas relações; há ainda uma compreensão especial de todas coisas, uma maneira particular de conceber a solução de muitos problemas, de sorte que a definição de Allan Kardec, embora magnífica, está incompleta; o Espiritismo é também, uma doutrina, uma moral que traz um sentido religioso. É por isso que eu amplio consideravelmente as definições de Allan Kardec e de numerosos autores e eu os resumo em algumas palavras acima. Estamos longe de questões ridicularizadas pelos anti-espíritas de "Dança das mesas" ou de "Aparições de fantasmas" sempre tomadas precipitadamente.

Um dia, por volta de 1906, eu fazia experiências de lucidez a 12 ou 15.000 quilômetros de distância com uma sensitiva (uma jovem que só conhecia a língua inglesa) que (eu não sabia então por que nem como) eu aliviava frequentemente leves indisposições, simplesmente aplicando-lhe alguns passes com ou sem contato; ela me pedia, antes de começar a sessão, para curar-lhe as pálpebras que doíam horrivelmente.

Após alguns passes destinados a adormecê-la e a colocá-la no estado conveniente para as experiências em questão, eu curava a seu pedido e me coloquei em apoiá-la, com meus polegares, através das pálpebras sobre os globos oculares e girando, emitindo mentalmente, como sempre, o profundo desejo de lhe ser útil; sem lhe observar os olhos, eu

continuava meus passes até um momento em que, por suas condições de insensibilidade, eu a julgava em estado de sono lúcido.

Voltei então a me assentar diante dela e observei, somente nesse momento, que ela tinha o olhos abertos, mas não retraídos (enquanto eles sempre ficavam nesse estado); seu olhar era fixo, parecendo agradavelmente surpreso, ao passo que, de ordinário, quando eu levantei a pálpebra, a pupila do olho estava invisível e a pálpebra voltava a se fechar automaticamente. Eu me aproximava dela para lhe fechar os olhos, quando, eu recolhendo docemente as mãos ela me perguntou quem era o cavalheiro tão gentil, tão afável, com um olhar cheio de bondade que se encontrava atrás de mim; eu me virei num movimento brusco, pois estava longe de supor que havia ali uma testemunha, nos espiando; mas eu não vi ninguém. Minha curiosidade ficou, não é preciso dizer, despertada ao máximo; eu fiz à sensitiva perguntas e mais perguntas. Ela descreveu o aspecto, a fisionomia, a expressão e o rosto de meu pai, falecido há pouco, e me causou uma grande perturbação, pois eu ainda era profundamente materialista nessa época; durante vários meses, eu examinava com atenção todas as possibilidades que me vinham à mente: leitura ou transmissão de pensamento, lucidez na visão de um retrato, ou simplesmente imaginação, alucinação dela ou minha; mas uma após a outra eu rejeitava todas essas hipóteses.

Não somente o personagem estava invisível para mim, a sensitiva me afirmava, ele fazia gestos e me ouvia com uma instantaneidade inconcebível; seus gestos respondiam às minhas perguntas ao mesmo tempo e algumas vezes antes que minhas perguntas fossem colocadas verbalmente; quando eu compreendi, neste último caso, que os gestos respondiam, não às minhas palavras, mas a meus pensamentos, o enigma foi para mim cada vez mais completo; eu achei uma solução, pelo menos provisória, pelo seguinte meio.

Tudo aquilo foi tão incompreensível para mim, o personagem em questão respondendo com a personalidade de meu pai, podia fazer gestos podia me ouvir e me compreender, embora não existisse a reciprocidade; ele devia então poder se comunicar por gestos e me veio a idéia de colocar questões em princípio podendo se resolver por um sim ou um não com um sinal da cabeça, em seguida por frases cujas

palavras seriam indicadas soletrando as letras por movimentos de braços, segundo a posição que essas ocupam no alfabeto.

Eu repito, eu era naquele momento completamente profano em relação ao espiritismo, e com mais forte razão, experiências de golpes de pancadas e comunicações obtidas por procedimentos análogos aos que eu empregava por minha vez.

Desde a primeira sessão quando eu utilizava o meio de correspondência por letras, o comunicante afirmou que era o espírito de meu pai e sobre minha questão: "O que é um espírito?" ele me aconselhou ler as obras de Allan Kardec e de Léon Denis, o que eu fiz desde minha volta à Europa, em 1907.

Durante três anos eu fui chocado por idéias a favor e contra o espiritismo, me prendendo sobretudo às numerosas fraudes e mistificações, observando e exagerando se fosse possível as alucinações, as imaginações de uns e de outros e finalmente deixando aberta em mim a grande porta a pensamentos de dúvida, de ceticismo, e durante todo um período em que, monopolizado por numerosas ocupações materiais, eu não dispunha senão de pouco tempo para esses estudos; entretanto, eu continuava esses assaz ativamente, me prometendo energicamente desvendar a todos a inutilidade do espiritismo assim que eu pudesse constatar definitivamente e demonstrá-lo.

Eu me lançava de corpo e alma nas pesquisas minuciosas, lendo vários milhares de volumes a favor e contra o espiritismo, assistindo a centenas de sessões, denunciando a fraude ou a mistificação em numerosos casos, estabelecendo em muitos outros a alucinação, a imaginação ou o erro. O resultado me conduziu, com cinco novos anos, a constatações que eu posso resumir como segue (digo bem "constatação" e não "crenças" ou "suposições").

CAPÍTULO II

Minhas constatações

EU VOS DIGO que existe todo um mundo fluídico normalmente invisível; vós me fareis objeções: "Se é ocasionalmente visível, eu não acreditarei senão quando eu tiver visto ou, se não me for dado ver, senão quando me tiver sido provado que outros viram."

EU VOS DIGO que aqueles que vós chamais de mortos continuam a viver, sob uma forma fluídica imponderável; são espíritos que, em certos casos, em certas circunstâncias, podem se comunicar conosco. Vós me respondereis: "Eu não admitirei senão quando tiver tido comunicações deles e como terei absoluta certeza de que elas emanam realmente deles?"

EU VOS DIGO que os Espíritos retornam ao nosso mundo material renascendo na vida física em um novo corpo, e vós replicareis: Se eu tiver uma justificativa evidente talvez eu acredite."

EU VOS DIGO que os espíritos invisíveis se misturam constantemente em nossa vida corrente, que eles chegam algumas vezes a se mostrarem a nós e que excepcionalmente, eles têm a possibilidade de se revestir momentaneamente de um corpo de carne e participar, por um tempo mais ou menos curto, de nossa vida material. Vós retorquirdes: Se eu somente tocá-los, podendo me assegurar de que não é uma fraude ou uma mistificação da parte de outrem, que não é uma alucinação da minha parte, eu deverei aceitar; mas, até então eu considero que é uma impossibilidade,."

A todas as vossas reflexões, eu respondo:

Vós tendes razão: eu era como vós, o que é natural, pois tudo isso, para um profano, parece evidentemente inacreditável e tão inadmissível que, como vós, eu também exclamei com todas as minhas forças: provas! Provas! Provas!

Mas...Eu tive a demonstração da existência do mundo invisível e fui obrigado a acreditar e admitir (no capítulo III, eu descrevo esta demonstração para vosso julgamento).

Eu tive provas indiscutíveis das comunicações do mundo extraterrestre e tive que reconhecê-las (eu cito, no capítulo IV, algumas dessas provas e julgareis como eu quais são as precisas).

Eu não acreditava na reencarnação até que tive justificações absolutamente indiscutíveis (eu as descrevo no capítulo V).

Eu não acreditava nas materializações até que as toquei e reconheci sua presença sem nenhuma dúvida (eu descrevo no capítulo VI).

Eu vi, eu ouvi, eu toquei, eu tive provas inegáveis, demonstrações formais e o que não é para mim uma crença, uma fé, uma hipótese, é uma certeza absoluta.

Como eu tive essa certeza? Despojando de mim o velho homem, fazendo tábua rasa de tudo o que eu tinha aprendido, de tudo o que eu sabia anteriormente desde minha infância concernente à vida, à filosofia, às religiões, à moral e Deus; reestudando novamente essas questões com um cérebro virgem, procurando como alguém que não tivesse nenhuma bagagem, nenhum saber sobre esses diferentes pontos.

Eu vos exorto a fazer o mesmo. Eu vos garanto que chegareis ao mesmo resultado como eu, não vos desencorajeis diante de nada, se tiverdes a perseverança de ir até o final e não parar nos obstáculos que certamente encontrareis.

Talvez conseguireis melhores resultados que, se não levardes para esse estudo o defeito que eu mesmo levei.

Eu aconselho a vos engajar sem idéia preconcebida; ora, eu, embora não querendo admitir, eu era contra a idéia espírita e isso me retardou; eu despendi cinco anos para chegar a opinião da "possibilidade", passando pela "probabilidade", depois a "convicção" à opinião da "certeza"; talvez vós o consigais em menos tempo.

CAPÍTULO III

Existe todo um mundo habitualmente invisível

Eu digo que ele é habitualmente invisível, pois não é para todo mundo. Um certo número de privilegiados, que são denominados médiuns, podem vê-lo; esses privilégios não se encontram muito pouco, mas não são completamente raríssimos.

E depois pode-se criar, como eu mesmo fiz, sem querer, um sensitivo magnético no estado sonambúlico de lucidez, com os olhos abertos ².

Em meio a esses privilégios, médiuns ou sensitivos magnéticos, somos por assim dizer cegos.

Ora, como na vida corrente fazem os cegos para tomar conta do que existe?

Parece-me que se eu fosse cego, me encontrando diante de um panorama que fosse interessante, eu pararia um passante e lhe pediria para descrever tal panorama, o que ele faria, evidentemente, ou se não soubesse um outro passante. Se eu me achasse incrédulo e pensasse que o narrador me tivesse enganado ou não me tivesse dado bastantes detalhes, eu o deixaria partir e, após julgá-lo suficientemente longe, eu pararia um segundo passante e lhe colocaria a mesma questão. Se sua resposta confirmasse no conjunto a já dada, eu me contentaria com esta confirmação; entretanto se eu me sentisse ainda incrédulo, faria a mesma questão a um terceiro passante, caso necessário a um quarto passante e a tantos quantos eu desejasse. Qualquer que fosse a minha incredulidade, chegaria forçosamente a um momento em que, malgrado a minha cegueira, eu teria a certeza absoluta de saber o que se acha diante de mim, tudo como se eu tivesse o uso do sentido da visão.

Isso me deu uma ideia, um dia de junho de 1920, de fazer examinar, por três médiuns diferentes, uma série de cenas de mais de uma hora, as _____

² Ver capítulo 1, página 3

quais só eram visíveis a eles entre mais de 250 assistentes, que eu considerei cegos para esse caso em especial. Esta experiência foi organizada para uma sessão de espiritismo da Sociedade de Estudos Psíquicos de Lyon, na sala que tinha à disposição nessa época, na rua Confort, n. 24, em Lyon.

Desses médiuns, dois se conheciam, mas nenhum deles conhecia o terceiro e ignorava sua presença; todas precauções foram tomadas para que nenhum dos três pudesse se comunicar com os outros dois; eles foram colocados a oito ou dez metros de distância, e uma vintena de pessoas os separava e os impedia de se ver.

Notas eram tomadas por um vizinho, à medida que eram dadas suas descrições; eram registradas a hora em que se passavam as cenas descritas.

Ao final das sessões, essas notas foram confrontadas; embora diferentes na forma, elas eram idênticas no fundo; as três narrativas relatando os estratagemas e as descrições de uma quinzena de entidades diferentes, concordavam exatamente no que concerne a hora e a ordem na qual eram produzidos os fatos e os gestos dos fantasmas.

Um destes era designado como "oficial" por um dos videntes, como "capitão" pelo outro e como "artilheiro" pelo último. Uma outra entidade era descrita, segundo o sensitivo, como padre ou eclesiástico ou abade. Um indicava "de forte compleição" quando o segundo dizia "gordo e forte" e o terceiro "potente ou de alta estatura".

Malgrado essas diferentes apreciações, não podia haver sombra de dúvida, para nenhum assistente dessa sessão, que cada um dos três médiuns que tinham visto a mesma coisa que os outros dois e a prova matemática era fácil por um ponto: a ordem idêntica, em cada um dos três processos verbais, de uma dezena de entidades diferentes.

Distribuamos quinze cartas de jogar diferentes a alguém solicitando para pôr numa ordem qualquer a qual vós anotais a lista. Misturai as cartas e entregai a uma segunda pessoa pedindo-lhe também para colocá-las numa ordem qualquer que vós anotareis igualmente. Recomeçai a operação uma terceira vez com uma terceira pessoa. Sabe-se qual é a

probabilidade que as três listas sejam idênticas sem que tenham sido copiadas uma da outra?

Há um número de possibilidades de ordens diferentes que se exprime aproximadamente por 42 algarismos, isto é, um número correspondente a milhões de bilhões de vezes o número de gotas d'água que se estima no Oceano como sendo de 13 seguido de 26 zeros ³

Eu sei muito bem que se achará, que se inventará bastante, explicações outras que não a minha. Mas todas são mais ou menos fantasiosas, salvo as que voltam para me acusar de mentira nessa narração.

Ora, todas as minhas experiências, todas as minhas tentativas de fenômenos podem ser tentadas, se não por cada um, pelo menos por muitas pessoas que têm tempo suficiente para fazê-lo.

Há ainda uma quantidade de fatos que podem ser considerados como a prova da existência de espíritos geralmente invisíveis, e entre aqueles citarei a escrita direta em ardósias, claramente descrito por Paul Gibier, as sobre papéis escondidos ou depositados em lugares inacessíveis às mãos humanas, tendo sido objeto de estudos particulares do Barão Guldenstubbé.

Para os leigos, esses fenômenos são impossíveis, eles não podem ser senão fraudes e mistificações, e no entanto na leitura dos autores acima citados entre tantos outros, em presença de todas suas precauções tomadas, somos obrigados a admitir a realidade, pelo menos para acusá-los de mentira.

Evidentemente, os médiuns, pelos quais esses fenômenos são realizáveis são eles, raríssimos e não se pode criar por um meio magnético, mas entretanto ele ainda existe; foi recentemente citado na Polônia (em 1928) e no Brasil (em 1930).

³ *Domingo Ilustrado de 22 de fevereiro de 1931*

Uma outra prova completamente material ainda, é a fornecida pela antropometria após a morte, a qual foi constatada já várias vezes.

Eu citarei notadamente o caso do célebre advogado Charles Stanton Hill, falecido em 2 de setembro de 1930, e que, quando vivo, há alguns anos, tinha deixado suas impressões digitais na casa do capitão Fyfe, expert judiciário de Boston. No 12 de outubro seguinte, ou seja, 40 dias após seu falecimento, manifestando-se numa sessão do Margery, ele imprimiu, em um bloco de mastique, três impressões digitais que foram reconhecidas como idênticas àquelas depositadas na casa do expert judiciário.

O Conselho de Pesquisas Metapsíquicas da Bélgica tornou público, nos números de seu boletim de 1930 e 1931, a invenção do aparelho de comunicação Henri Vandemeulen, pela qual as entidades podem anunciar sua presença sem médiuns, isto é, diretamente, por meio de uma campainha elétrica acionada por eles mesmos.

Esse aparelho é rudemente denegrido e combatido por uma multidão de vivos e de mortos, mas ele funciona de uma forma indubitável quando bem construído. O inventor é um desencarnado falecido com a idade de 15 anos. Em 31 de julho de 1929, pretende poder construir um outro aparelho, o telefone alto falante, pelo qual as entidades poderão se exprimir diretamente.

Muitas pessoas, lendo os parágrafos acima, acharão um absurdo, e encolherão os ombros, mesmo certos iniciados se surpreenderão; e entretanto quando se tiver assistido a fenômenos mais ou menos "maravilhosos", a gente será obrigada, não somente a recuar consideravelmente o limite do impossível, mas ainda se perguntar se esse limite não será deslocado até o infinito; eu posso dizer ainda: todo mundo pode possuir um aparelho comunicador Henri Vandemeulen; ele não existe no comércio e deve ser construído por aquele que dele se serve, mas todo o material para fazê-lo se acha facilmente e não é necessário estudos muito avançados para construí-lo. Basta precauções minuciosas para evitar contatos acidentais. As instruções para a montagem estão à disposição de todos; todo o mundo pode então estabelecer essa comunicação sucinta com o mundo invisível.

CAPÍTULO IV

As comunicações com o mundo extraterrestre

É esta parte dos fenômenos intelectuais que frequentemente dá lugar à difamação dos anti-espíritas e às críticas dos céticos que não querem admitir a realidade da comunicação do mundo invisível com o mundo visível. O fato é que os fenômenos podem ser fraudes; as primeiras vezes que se os assiste e ainda não se está completamente convencido, não é possível acreditar neles; parece bem lógico que reste uma dúvida mais ou menos grande no espírito do observador que não foi tocado por uma prova pessoal. E ainda, dirão os incrédulos inveterados, essa prova pessoal não existe, pois não pode existir prova de um fenômeno impossível; eles explicarão tudo por uma teoria do inconsciente ou do subconsciente quando não negarem os fatos pura e simplesmente.

Aí ainda é preciso ter confiança no narrador e admitir a exposição dos fatos já que se pode procurá-los por si mesmo; há com efeito, muitos desses fatos que poderiam ser explicados, a rigor, sem a intervenção dos espíritos, mas no curso de seus trabalhos, é muito raro que cada pesquisador não tenha alguns que não possam se explicar de outra forma senão pela intervenção dos espíritos dos mortos.

Vou citar dois praticamente pessoais e que julgo não explicar senão assim.

Por volta do ano de 1879, eu era muito criança e habitava com meus pais, em Paris, na praça Vaugirard n. 6, um prédio muito antigo, e que tinha um vão de escada muito vasto cujo piso, no térreo, era composto de placas de pedras duras como o mármore.

Um dia, entrando na escola maternal, me lembrei, da minha infância desmiolada insuportável, subindo as escadas cujos degraus acabavam nesse vão, não mais pelo caminho habitual, mas fora da balaustrada, sustentado pelo corrimão; evidentemente isso não era um trabalho de atleta, mas menos ainda o de uma criança de cinco ou seis anos.

A residência de meus pais era no terceiro e último andar; cada andar tinha 3,5 a 4 metros de altura; eu continuava a escalar de certa maneira,

olhando sempre para o alto e, quando chegava na altura do terceiro andar, então a 10 ou 12 metros acima das lajes de pedra, eu percebi que não podia mais passar para o outro lado sobre o vestíbulo e não ousava olhar para baixo; então me pus a gritar, como para chamar a minha mãe: "Mamãe! Eu estou fora das escadas" e eu ia soltar tudo quando o barulho de uma porta se abrindo no terceiro andar me deu ainda um pouco de coragem para me segurar; era uma vizinha de minha mãe que me tinha ouvido e tinha ido buscá-la apressadamente; ambas acorreram; e minha mãe julgando a situação com um golpe de vista, me encorajando a me segurar, me dizia todas as sortes de palavras doces, mas quando, me segurando em seus braços ela me passou para o outro lado sobre um piso mais seguro, ela me fez uma repreensão da qual não me esqueci por muito tempo; aliás, nunca mais fiz uma aventura assim louca.

À tardinha, quando meu pai chegou em casa, a questão principal foi esse acontecimento que me tinha quase custado a vida; aliás a questão durou por muito tempo, pois quando eu tinha cerca de doze anos, por volta 1885, expliquei a meu pai o quanto essa lembrança reiterada a cada instante me desagradava e me envergonhava; eu pedia solenemente a meu pai e a minha mãe para não mais conversar sobre esse acidente; eles me prometeram e, de fato, nunca mais, sob nenhum pretexto, a questão foi colocada, a tal ponto que a lembrança me saiu completamente da memória.

Trinta e dois anos depois, em 1917, eu me encontrava em Lyon, em casa de amigos espíritas, em uma casa estreita da rua Mercière, cujas três janelas davam para o cais Santo Antônio; éramos quinze pessoas em um cômodo muito comprido, talvez de oito a nove metros, repartido em dois grupos, um de sete ou oito pessoas em torno de uma mesa no final do cômodo mais longe do cais, e o outro em pé, próximo das janelas, pronto para conversar; eu fazia parte do último grupo, escutando a narração de uma recente sessão de espiritismo muito interessante.

A pessoa que coordenava o grupo da mesa, dirigindo-se a mim, me diz: "é uma comunicação para vós, acabam de ditar vosso nome". Não querendo ficar privado da história cativante, respondi: "não tendes necessidade de mim; tomai nota da comunicação."

Eu tinha nessa época vários médiuns com os quais eu trabalhava; meu pai se comunicava frequentemente; eu tinha combinado com ele que toda vez, ele enunciaria, logo após seu nome, uma frase ou uma simples palavra que constituiria de sua parte uma prova; ele tinha me dado dessas provas um número enorme, a tal ponto que eu ficava admirado, no fim, que ele pudesse achar outros.

Trinta ou quarenta minutos após, eu fui interpelado de novo pelo grupo da mesa que se tinha dito uma frase que não significava nada, pois o comunicante insistia para que os falsos flagrantes subsistissem; a frase era a seguinte: "Mãe, eu estou fora das escadas.

Eu contava então para meus amigos, que todos ignoravam, a cena que me tinha vindo subitamente à lembrança após trinta e cinco anos o que eu nunca tinha falado.

Eu sei que há eruditos que dirão que isso não é uma prova da intromissão da inteligência de meu pai e que se empenharão em explicar a coisa por teorias de subconsciência, de reminiscências de um fato longínquo, de transmissão de pensamento involuntário ou de telepatia súbita, mas eu estou inteiramente convencido, no que me diz respeito pessoalmente, que era realmente uma frase enviada por meu pai falecido onze anos antes. Minha certeza era sobretudo por ser talvez a centésima vez que ele me tinha enviado uma frase ou uma simples palavra que, sempre, era para mim uma confirmação de comunicação com meu pai. E desta vez, a verdadeira batalha, a discussão, para não dizer disputa, a insistência com a qual a inteligência comunicante persistia em conservar as duas faltas, a lembrança súbita da cena que me era lembrada e que tinha permanecido esquecida por 35 anos, pelo fato de que eu não assistia pessoalmente à experiência da mesa, era muito mais razão para me convencer.

Evidentemente, para os outros, a coisa não era a mesma; mas se o leitor quiser se supor por um momento em meu lugar, considerar-se ele mesmo o herói da história, poderá se aproximar do estado de espírito e de emoção no qual eu me achei no momento em que se pronunciou diante de mim essas palavras: "Mãe! Eu estou fora das escadas. "

No ano seguinte, em 1918, eu presidia uma sessão experimental na "Sociedade Fraternal para o estudo científico e moral do Espiritismo", na rua Terraille, 7, em Lyon, da qual nessa época eu era vice presidente.

Uma noite, por intermédio de um médium escrevente, se apresentou à Sociedade o espírito de um soldado que tinha falecido recentemente que se servia de um médium com muitas dificuldades, mas conseguindo entretanto nos comunicar que ele tinha um serviço particular a nos pedir, de caráter assaz urgente.

Na semana seguinte, ele se apresentou de novo e se serviu de um outro médium que era excelente no fenômeno da incorporação (ver mais à frente, página 44, parágrafo C). Com aquele, ele se achava praticamente à vontade e podia se expressar muito facilmente. Eis aqui, em substância, o que ele nos diz:

"Eu era, na minha profissão, encanador e me ocupava também com eletricidade; eu faleci em Douaumont há quatro meses, e fui considerado como desaparecido e declarado como tal para minha viúva, Sra. G..., rua Jean-Claude Vivant. Eu gostaria que vós fosseis vê-la; ela está de luto, pois ela está convencida de que eu pereci; vós a vereis com nossos dois filhos em uma miséria profunda. Eu vou lá frequentemente, mas apesar de todos meus esforços, eu não pude me comunicar com ela; ela tem idéias sombrias e pensa a cada instante em se suicidar com seus dois filhos; sou eu que a tenho impedido até ao presente, mas eu preciso de ajuda; eu sinto que minha influência sobre ela diminui e que talvez eu não terei mais a faculdade de impedi-la de prosseguir em seu triste projeto.

Não é unicamente a miséria que a atormenta, mas entretanto ela repensa nessa idéia a cada vez que constata que não pode comprar o que é necessário a seus filhos; eu fico com raiva por não poder fazê-la saber que ela tem 300 francos à sua disposição, então ela economiza tostão a tostão o pouco de subsídio que ela consegue.

No último ano, no curso de minha última permissão, que eu fui passar junto dela, eu tinha feito algumas coisinhas em nossa residência que era nessa época impecável e muito mais completa que, pois minha esposa tentou vender um pouco de coisas, infelizmente! A maior parte dos móveis e utensílios que a equipavam; eu até ao presente tinha forçado

a não se separar de uma luminária que se achava no cômodo que nos servia de sala de jantar, e eis por que:

Eu aproveitei, no ano passado, da permissão para instalar três lâmpadas elétricas na residência; eu tinha transformado a lâmpada à petróleo da luminária e uma lâmpada elétrica; eu tinha soldado a base da lâmpada à petróleo com a luminária que a suportava, já que, transformada em aparelho elétrico, não havia mais nenhuma razão de retirá-la como se fazia antes para encher o reservatório de petróleo. Entre o fundo da lâmpada e o do suporte, havia então uma cavidade vazia, e eu tive a idéia de esconder três notas de 100 francos, do dinheiro que me restava e que, pensava eu, seriam talvez bem vindos para minha querida esposa. Eu levei o segredo na morte, pois ninguém no mundo, senão eu, estava ciente daquilo; ninguém pôde me ver utilizando o esconderijo; minha esposa teve frequentemente a idéia de vender a luminária; ela acredita que é uma lembrança minha para ela, mas eu a tenho impedido de realizar essa idéia agindo sobre seu espírito.

Eu vos suplico, ide vê-la; explicai-lhe tudo o que eu acabo de vos dizer; que ela recupere os 300 francos; que ela compreenda que, embora falecido, eu estou vivo para sempre, que estou velando por ela e que a protegerei."

Esta cena se passava numa segunda feira, entre 9 e 10 horas da noite; na terça feira seguinte, às 10 horas da manhã, nós fomos em quatro pessoas à casa da viúva desse amigo e tentamos por mais de uma hora convencê-la que era preciso desoldar a luminária; ela achou ali as três notas de 100 francos, às quais juntamos nossa pequena contribuição; ela tornou-se espírita, não teve mais nenhuma idéia de suicídio e teve seguidamente numerosas comunicações de seu marido.

Não houve necessidade de enquete para ter a certeza de que a comunicação era verdadeira, o trabalho da solda não tinha podido ter testemunha e ninguém tinha podido tomar conhecimento de uma maneira qualquer do esconderijo salvo o próprio autor.

Fatos desses, eu poderia citar-vos por centenas dos quais fui pessoalmente testemunha da revelação, e é por milhares que se encontram na bibliografia espírita; naturalmente, quando um fato é conhecido por várias pessoas, pode ser espalhado e aprendido por

alguém que pode ser o divulgador consciente ou inconsciente na sessão espírita; quanto a mim, eu afirmo que o acima relatado não pôde ser desvendado senão somente pela inteligência que o conhecia.

CAPÍTULO V

Justificação das reencarnações

Do mesmo modo que a melhor justificação da existência de um mundo habitualmente invisível é a constatação dessa existência por diferentes pessoas para as quais ele não é invisível, do mesmo modo eu afirmo que a justificação das reencarnações reside na constatação que uma reencarnação desde já anunciada se produziu.

Aí ainda, eu tive a satisfação de constatar pessoalmente o fato ao curso de meus estudos; não insistirei excessivamente sobre o primeiro caso, pois eu não fui testemunha da previsão que me foi contada somente após sua realização; trata-se do nascimento de uma filha de um Presidente de uma Sociedade espírita em Lyon, Sr. T...; o fato tem de particular, é que o espírito que devia reencarnar era um espírito que tendo vivido numerosas vezes no sexo masculino, então deveria voltar no sexo feminino.

É fato que é suficiente ver a menina em questão, que é agora uma jovem mulher, para constatar todos seus aspectos, todo seu caráter, todo seu ar masculino; isso não é evidentemente uma prova de reencarnação; certas testemunhas têm afirmado que essa reencarnação tinha sido prevista, mas eu não tenho a prova.

Não é do mesmo modo de um espírito familiar da Sociedade já evocado, que se comunicava quase que a cada semana durante 3 ou 4 meses e que, com mais de um ano de antecedência, anunciou sua próxima reencarnação; em sessões escalonadas de 10 a 7 meses antes de seu nascimento, ele nos deu com precisões muito curiosas, entretanto os seguintes pontos:

Em sua vida precedente ele tinha sido árabe, habitando no Marrocos, e tinha sido morto assassinado por um golpe de punhal nas costas, a dois ou três centímetros acima e à direita da escápula esquerda. Ele nos indicou a data de seu próximo nascimento, o prenome que lhe seria dado, o endereço onde ele nasceria em Lyon, o nome de seus futuros pais e a indicação de uma marca particular no corpo da criança, marca parecida com uma cicatriz como a de um golpe de punhal no dorso,

muito perto e à direita da escápula esquerda; essa marca particular devia desaparecer no fim de algumas semanas.

Infelizmente não se tomou como séria essa previsão; pois no dia seguinte em que ela foi feita, descobriu-se, na casa na qual o comunicante tinha dado o endereço, não havia nenhum inquilino com o nome indicado.

E no entanto essa previsão se realizou exatamente, tendo o jovem casal vindo habitar quatro ou cinco meses antes do nascimento, isto é, três ou quatro meses após a última previsão.

Um outro fato do mesmo gênero se produziu a pequeno intervalo; sendo as informações menos completas, pois os nomes não tinham sido dados, o sexo tinha sido indicado exatamente (mas aí, a questão da coincidência pode ser evocada, pois que havia uma chance em duas); entretanto o endereço e o dia do nascimento estavam igualmente exatos, o que não deixa mais lugar para a explicação da coincidência.

Mas o caso n. 2 é tão formal para mim, que é suficiente como prova.

Acrescentarei que um de meus amigos, o senhor A. B..., e eu, ainda outros dois membros da Sociedade de Estudos Psíquicos de Lyon, em diferentes repetições, na seção de magnetismo da Sociedade, temos procedido a experiências de retroatividade de memória⁴ sobre a pessoa de um sensitivo magnético excelente, Senhora R...., que todas concordavam no que dizia respeito as vidas anteriores da Senhora R...., como nós pudemos dar-nos conta por verificação das diferentes experiências.

A questão de reencarnação e das vidas sucessivas tem sido objeto de numerosas obras que formigavam de exemplos clássicos por Gabriel Delanne em três categorias denominadas por ele:

⁴ *Experiências bastante conhecidas de muitos magnetizadores.*

1º As lembranças das vidas anteriores que possuem certos indivíduos (nada que entre os hindus não se constata às centenas);

2º Os casos de reencarnação anunciados antecipadamente;

3º Os fenômenos de obsessão cujos autores afirmam que eles se vingam do mal que suas vítimas lhes teriam causado em uma vida anterior.

As obras que foram escritas especialmente sobre o assunto da reencarnação e das vidas sucessivas mencionam uma grande quantidade de observações sobre os diferentes fatos e muitas observações são uma confirmação da reencarnação ⁵.

⁵ *Ver no final do volume a lista das obras (página 62)*

CAPÍTULO VI

As materializações

Foram escritas tantas obras especialmente sobre essa questão que eu não desejo abordá-la de outra maneira senão para falar de minhas constatações pessoais.

É aliás um assunto dos mais espantosos, pois as fraudes e mistificações são extremamente fáceis e se multiplicam ao infinito. Eu fui testemunha de embustes, mesmo da parte dos Espíritos que se materializavam.

Quero entretanto mencionar aqui um fato relativo a uma suposta constatação de mistificação que era abertamente pública que foi confirmada por uma multidão de metapsiquistas e mesmo de espíritas, e que não era no entanto uma fraude de materialização.

Em seu número de segunda - feira, 18 de junho de 1928, O Jornal de Paris, publicava um artigo copiosamente ilustrado, assinado por Jean M..., intitulado "Uma fraude espírita desvendada por duas testemunhas; adeptos se vingam espancando-os".

Em quarto colunas, o Sr. Jean M..., ridicularizava rudemente as sessões da Sra. A... em Mantes (onde se introduziu com um amigo para desvendar uma fraude com que ele contava), publicando ao mesmo tempo coisas verdadeiras, fatos fantasiosos e mentiras flagrantes, e terminando indicando ter percebido, em uma suposta materialização, e sob longos véus brancos..., alças! Ele concluía que o embuste era evidente e afirmava ter descoberto que o fantasma era pura e simplesmente o médium B... Ele terminava seu artigo acrescentando que as pessoas presentes faziam parte do grupo tendo visto, elas também, "o abominável truque", mas que, "se recusando partilhar da indignação do redator e de seu amigo, elas se precipitaram sobre eles " para matá-los".

Eu adianto que eles não foram mortos, mas eles atacaram na justiça a Sra. A..., e seus companheiros, que lhes recusada a ação e que, atualmente, três anos após a cena escandalosa, as sessões da Sra. A..., em Mantes, continuam.

Alguns dias após, eu escrevia ao redator do jornal uma carta aberta que foi publicada em certo número de órgãos espíritas, mas permaneceu sem resposta.

Eis aqui o texto:

Carta aberta ao Senhor Jean M...
Redator do Jornal de Paris

Senhor

Em seguida à vossa infeliz aventura do último 16 de junho, é provável que deveis ter certo ressentimento contra os espíritas que vós considerais provavelmente, de uma maneira geral, senão como loucos, pelo menos como iluminados, em um ou outro sentido figurado dessa palavra.

Permiti, entretanto, a um daqueles de vos comunicar suas reflexões no que concerne essa famosa sessão onde pretendeis ter desmascarado "A trapaça espírita imaginada pela Sra A e executada pelo falso médium B."

É lamentável que vós não tenhais tido a coragem ou a paciência de avançar vossas constatações mais longe do que fizestes; talvez tivésseis então modificado vosso julgamento um pouco intempestivo, talvez também tivésseis empregado em vosso artigo uma redação um pouco menos fantasiosa e romanesca.

Eu tenho assistido há perto de quatro anos a uma dezena de sessões em Mantes e vinte anos cerca umas cinquenta experiências ou supostos fenômenos de materialização, das quais por volta de três quartos eram na realidade trapaças ou mistificações, mais ou menos bem imaginadas, que aliás contribuiu bastante para eu desmascarar. Eu tenho então sobre o assunto um conhecimento prático bastante avançado.

Minha primeira sessão em Mantes teve evidentemente um pouco de comum com a vossa; como vós, eu não estava em boa posição, o que não me permitiu ter uma opinião, assim como vós pareceis crer; como vós, eu constatei com estupefação a imagem de alças nas costas do fantasma sob seus leves véus; se eu não julguei concluir imediatamente como vós a impostura e a enganação, é talvez porque eu tinha

constatado primeiro nitidamente devido as minhas observações prévias, primeiro que o fantasma de Madalena devia medir ao menos dez a quinze centímetros a mais (se não for mais) que o médium B... e em seguida que a aparição parecia se deslocar deslizando sobre o piso e não andando.

Eu confesso muito francamente que minha impressão naquela tarde entretanto foi bastante errada. Ela não modificou nada durante algumas outras sessões. Mas, um dia, eu tive a ocasião, achando-me muito próximo da cabine do médium de constatar pela visão e por tocá-lo a presença simultânea do médium e da materialização; nesse mesmo dia, eu fiz ainda a constatação, que parece à primeira vista incompreensível, da imagem de alças nas costas da materialização; esta última estava calçada de um par de sapatos exatamente parecidos aos do médium; eu toquei ao mesmo tempo os quatro calçados com minhas duas mãos. Desse dia, eu me convenci da realidade dos fenômenos. Eu me convenci cada vez mais ao penetrar na intimidade do grupo, o que me permitiu me posicionar bem nas sessões e fazer constatações que talvez eu já tivesse observado. Em certas sessões, o corpo do fantasma era admiravelmente feito, representando a plástica agradável de uma bela menina, com o peito nitidamente feminino, com traços bastante finos, o punho de dezesseis a dezessete centímetros de circunferência, (enquanto que os dos médiuns tinham mais de vinte e dois); em outras sessões, eu me achei em presença de um corpo nitidamente masculino, pelo menos por sua estrutura, parecendo se confundir com a anatomia do médium; os braços eram duas vezes mais grossos que oito dias atrás, mas coisa bizarra não eram de forma alguma peludos, enquanto que os de B... eram abundantes.

Enfim, uma terceira categoria de sessões era praticamente edificante na hipótese de uma personagem qualquer, médium ou outro, fazendo o papel do fantasma; o corpo desse último estava incompleto, a bacia e os membros inferiores não existiam; ou então eles pareciam ser "fabricados" de maneira precipitada e com materiais grosseiros.

Eis o que eu escrevia no dia seguinte de uma sessão, de 5 de fevereiro de 1927, a qual assisti: "No curso dessa sessão de 5 de fevereiro de 1927, eu pude, durante mais de quinze minutos, examinar bastante à minha vontade a 25 ou 30 centímetros de distância, o rosto da materialização que se prestava de bom grado, a sala estando iluminada

por três lâmpadas vermelhas de intensidade suficiente para ver a hora em meu relógio. O rosto tinha, devo reconhecer, uma certa similitude com o do médium, mas era totalmente diferente, de mai a mais, graças à claridade em questão, eu pude ver, por numerosas retomadas, a aparição e o médium ao mesmo tempo; a má qualidade da materialização apresentava essa face, eu não diria hedionda, mas assustadora entretanto ao examinar e detalhar a essa distância tão curta, revestindo um aspecto praticamente cadavérico, tanto por tez lívida quanto por sua imobilidade relativa e a ausência de olhos; suas pálpebras estavam abaixadas de uma maneira flácida e apática, denotando nitidamente que não havia o globo do olho; os lábios mal ajustados um sob o outro, adotavam uma forma deixando supor a falta de dentes e mesmo de língua; o rosto nem feminino nem masculino "não tinha idade", sendo antes de um ser velho, mas sem nenhuma ruga, e de um tecido grosseiro e esticado; eu fiquei embaraçado por essa forma antes de ter podido detalhá-la minuciosamente, pois não me deixariam fazer depois; o calor dos lábios eram certamente pelo menos 10 graus abaixo da temperatura humana normal. "

Vossa profissão, Senhor, consiste em interessar a maior parte dos leitores de vosso Jornal; é pois compreensível que vós procurásseis relação impressionantes, reportagens sensacionais; se vós não tivésseis procurado senão isso, teríeis conseguido, mas temo que vós tenhais falseado, involuntariamente, eu penso, a opinião de muitas pessoas.

É possível que na sessão de 16 de junho último, vós tenhais desmascarado trapaça; eu não a assisti e não posso então vos provar o contrário. Eu posso entretanto vos dizer que é incontestável que eu assisti a certas sessões verdadeiras.

Eu não sei se vós fostes espancado como afirmais; é possível que eu não me detenha mais senão na vossa trapaça, quando vós enganastes o grupo sobre vossa identidade.

Eu conheço certos assistentes do grupo e vós me permitais de achar extraordinário vosso julgamento nesse assunto: para ter lançado uma acusação tão precisa que dizeis ter feito, é preciso que tenhais constatado de uma maneira rigorosamente absoluta a personalidade do médium fazendo o papel do fantasma; mas, se vós constatastes esse ponto, é certo que muitos outros assistentes, já que estavam melhor

posicionados que vós, o tenham igualmente constatado; e então, eu não compreendo que entre vinte ou vinte e cinco pessoas presentes, as duas únicas que tinham vindo com o objetivo de fazer um escândalo, tenham se dado conta da impostura.

Estais evidentemente no erro supondo que cada uma tenha guardado a respeito de vós uma atitude mentirosa, constatando em verdade a comédia que vós pretendeis.

Lyon, 30 de junho de 1928

G. MELUSSON

Tenho pouca coisa a acrescentar ao texto dessa carta, confirmo ainda hoje todos os termos; constatei pela visão e pelo toque, a presença simultânea do médium e da materialização; igualmente pela audição, eu constatei que, enquanto a materialização falava fora da cabine, o médium tossia longamente no interior. Então eu tenho absoluta certeza de que haviam dois corpos diferentes nos dias em que eu fiz essas constatações.

Eu não acrescentarei nada a mais a esse assunto escabroso; a maioria das sessões ditas de materialização que não as de Mantes, às quais eu assisti são na realidade mistificações que eu mesmo desmascarei com frequência. Como para os capítulos precedentes, eu enviarei a outros autores mais qualificados que eu para os detalhes científicos, e notadamente sobre esse ponto a William Crookes, em seus trabalhos com a entidade "Katie King"; o professor Ch. Richet (que não é espírita), e o engenheiro G. Delanne (que o é), em suas descrições das experiências feitas na casa do general Noel, na Vila Carmen, em Argel; a Senhora Alexandre Bisson, que se interessou muito por essa questão, publicou dois volumes ilustrados, muito interessantes; outras obras cuja nomenclatura será encontrada no final deste volume.

CAPÍTULO VII

Resumo dos capítulos precedentes

No começo desta obra, desde o primeiro capítulo, eu expliquei ao leitor por que e como eu vim para espiritismo, após ter tido idéias diametralmente opostas; o capítulo II tratou as quatro categorias de constatações formando para mim provas pessoais que me foram fornecidas, entre muitas outras, durante meus estudos sobre o psiquismo e o espiritismo e cada uma dessas categorias de constatação fez o objeto de um capítulo distinto:

CAPÍTULO III - A existência de um mundo invisível

CAPÍTULO IV - As comunicações com esse mundo extraterrestre

CAPÍTULO V - A reencarnação e as vidas sucessivas

CAPÍTULO VI - As materializações

Tudo isso foi objeto de conferências feitas por mim em Lyon, em Nice, em Cannes, etc..., durante o inverno de 1930-1931.

Eu confirmo aqui que tudo não se tratou senão de constatações pessoais ou observações de fatos inesperados e não de explicações científicas de fenômenos provocados.

Muitas pessoas intitulando-se espíritas têm o grande erro de atribuir todos os fenômenos psíquicos à intervenção dos mortos; eu afirmo que um grande número desses fenômenos podem ser frequentemente também pela intervenção dos espíritos dos vivos; outros ainda podem provir de certas forças, de certas potências, fora dos espíritos dos vivos ou dos mortos.

Entretanto é impossível explicar certos fenômenos de outra maneira senão pela intromissão dos espíritos daqueles que se designam geralmente sob a denominação de "mortos".

Se pouco numerosos que sejam esses fenômenos, se dificilmente que se possa obtê-los, eles são certamente suficientes para provar o que se chama vulgarmente a sobrevivência após a morte, para provar a possibilidade das comunicações entre os dois mundos, para provar a reencarnação e conseqüentemente as vidas sucessivas.

Eu não sou um sábio, longe de ser; eu protesto entretanto quando um sábio afirma que uma prova não é científica senão quando ela é reiterável à vontade, onde se vê, quando se a vê, como se a vê; nesse caso, evidentemente, a prova não é feita, pois nós somos os menores atores dos fenômenos e essa reiteração é dificilmente admitida pelos atores principais, os invisíveis. Mas existem sábios que são espíritas e que afirmam que uma prova pela observação dos fatos reais, pela constatação de fenômenos, alguns inexplicáveis que sejam, são fatos científicos e isto me parece exato de uma maneira completa.

EU CONSTATO coisas que são frequentemente inexplicáveis e incompreensíveis; EU NÃO EXPLICO E NÃO COMPREENDO sempre.

Há dez anos, eu fazia sobre o espiritismo conferências em Lyon, em Paris, em Genebra, em Grenoble, em Amiens, e Nice e em muitas outras cidades da França e da Suíça; Têm-me solicitado frequentemente para repeti-las, o que faço de imediato e reproduzo a seguir um artigo, que está longe de ser inédito, mas que me pedem muitas vezes, para dizer como eu concebo o espírita perfeito.

SEGUNDA PARTE

Capítulo VIII

Como compreendo o Espiritismo

O atrativo do maravilhoso, do desconhecido, do misterioso sempre foi considerável junto das multidões; há alguns séculos, as pessoas sentiam-se muito atraídas para as ciências mais ou menos denominadas secretas: a Alquimia, a Astrologia, a Magia, a Física antiga, etc.... pouco a pouco, tomou-se conta da realidade das coisas; no momento atual, um certo número de pessoas consideram que não há nada misterioso o que é insuficientemente compreendido, e que a palavra "sobrenatural" devia ser banida da língua, pelo menos no significado de "contrário à natureza" que se lhe dá frequentemente.

Não pode, com efeito, existir o que quer que seja fora da natureza e de suas leis; entre estas últimas, algumas são ainda muito pouco conhecidas e sobretudo infelizmente muito mal estudadas ou compreendidas; não está nisso ainda tudo o que concerne O Espiritismo.

Na França, é de bastante bom tom considerar ironicamente o Espiritismo como ridícula brincadeira e que é inútil perder-se tempo em se ocupar disso, salvo como um objeto de divertimento ou distração; em outros países, grandes sábios, usufruindo de uma alta consideração e notoriamente estimados como inteligências muito clarividentes, não hesitam em confessar publicamente suas convicções sobre esse ponto, o que não impede aliás de serem energicamente combatidos por adversários, a maior parte, ou em todo caso um certo número, de perfeita boa fé, mas sempre insuficientemente versados na questão. Isso provém de que o Espiritismo não é somente muito mal compreendido, mas ainda totalmente ignorado, mesmo por muitos daqueles que pensam conhecê-lo. Sempre me convenci de que entre as pessoas que se dizem ou se crêem espíritas, uma grande parte causam prejuízo ao espiritismo, o qual, como muitas outras coisas é admirável entre mãos experimentadas, mas bastante perigosas, ao contrário, quando ele é manipulado por pessoas incompetentes.

É que o espiritismo comporta um tal conjunto de conhecimentos variados, que não é possível conhecer todo o seu alcance sem ter estudado com dedicação durante longo tempo. Sua definição mesmo está ainda para ser achada e está aí uma das causas de numerosos mal entendidos, de equívocos contínuos, de opiniões sem cessar divergentes que circulam em seu assunto.

Sem falar daqueles, insuficientemente esclarecidos, que consideram o Espiritismo como uma brincadeira ou uma superstição, pode-se encontrar uma grande quantidade de eruditos que o explicam como uma filosofia, uma doutrina, uma escola; outros o representam como uma religião, novo cisma no cristianismo; certo número não vê aí senão uma renovação da moral em sua acepção mais pura; aqueles enfim que consideram sobretudo o lado experimental, não hesitam em qualificar o Espiritismo como ciência positiva.

Na realidade, todas essas definições são, cada uma em parte, justificadas, mas mesmo sua adição forma um conjunto incompleto, pois é preciso acrescentar que o Espiritismo é uma concepção especial do Universo, da generalidade das coisas e sobretudo dos indivíduos; é uma compreensão particular da vida, da morte e das leis naturais. Ele reúne sob sua bandeira todos aqueles que são suficientemente francos, leais e sinceros para fazer tábua rasa de todo preconceito, de toda opinião preconcebida, ao mesmo tempo que bastante coragem para empreender, sem se deixar desencorajar por obstáculos e dificuldades, um estudo muito árduo e muito delicado. Pelo raciocínio e a lógica sobre os quais ele se apóia, ele contém o positivismo daqueles que se aperceberam do erro do materialismo; pela moral e pela religião que dele resultam, ele satisfaz também o idealismo dos espiritualistas que sentem a necessidade de uma fé raciocinada substituindo dogmas ilusórios e quiméricos, e substituindo uma credulidade cega, incompatível com a inteligência e a dialética modernas.

Muitas pessoas não vêem no espiritismo senão mesas girantes, mediunidades, aparições e visões mais ou menos fictícias, materializações de fantasmas, etc...

Evidentemente, o lado experimental tem uma importância enorme; ele também é indispensável a esse edifício todo de luz, de claridade, de verdade, que são as fundações e os subsolos de um monumento; para

alguns, ele representa o maior papel e precisamente o conhecimento desses fenômenos que necessita dos maiores estudos e, quando ele está incompleto, conduz as mais das vezes consequências errôneas e algumas vezes arriscadas.

O que dá à concepção espírita seu lado mais atraente, é a clareza, a evidência, a nitidez com as quais se desvendam todos os lados misteriosos da natureza na compreensão lógica e raciocinada das coisas.

O que faz nela a majestosa beleza, são as consequências morais e filosóficas que devem conduzir a humanidade a um melhoramento, a uma progressão que só tem como limites a perfeição.

Um dos dois princípios fundamentais do Espiritismo, é a certeza da existência de uma Potência misteriosa, suprema, impenetrável, dotada de uma força, de um poder, de uma inteligência infinita, tendo faculdades ilimitadas de criação e de impulsão dinâmica, sendo assim imenso lar de amor, de justiça e de misericórdia. No domínio de nossas sensações materiais, salvo de seres cegos, nos é fácil darmos conta da existência dessa Potência extra humana; naquele de nossos sentimentos emotivos, um tanto que seja um pouco de recolhimento e de meditação em direção a essa fonte eterna de vida, de perfeição e de esplendor nos conduz a admirar e a levar até ela nossas aspirações íntimas, nosso reconhecimento e por consequência nossa adoração, qualquer que seja o nome que déssemos a essa Suprema Potência e tão imperfeitamente que a compreendamos.

A outra base essencial da concepção espírita é a natureza e a composição do indivíduo humano, sua dupla vida alternativamente material e depois espiritual, suas reencarnações sucessivas, a importância de sua alma que preexiste e sobrevive a seu corpo orgânico, a progressão e a elevação constante dessa alma.

Se essas duas bases fundamentais parecem ter o caráter de uma revelação, esta última está solidamente apoiada por deduções, justificativas e argumentos, tão convincentes que mesmo para o indivíduo mais positivo que seja, a possibilidade espírita se torna rapidamente uma probabilidade. Não é mais para aquele senão uma questão de paciência para que no momento em que ele espera o

menos, uma prova formal vem transformar sua crença em certeza absoluta.

Então, subitamente, muitos pontos se desvendam para ele; ele compreende de repente a correlação das coisas; ele explica para si fatos até aí incompreensíveis para ele; ele concebe o por quê da vida, a razão do que chamamos de morte e admira, penetrando-a, a obra grandiosa da potência misteriosa da qual era uma questão de momento.

Para aquele que não crê senão no que ele constata por si mesmo, há o estudo de fenômenos que se tornam apaixonante ao supremo grau se for feito sabiamente. Mesmo muito absorvente algumas vezes, ele cativa o homem mais ponderado, plácido e aquele que tem a perseverança e a tenacidade necessárias para ir até o fim da observação, depois observar as interpretações desses fenômenos, terminar sempre, após um tempo mais ou menos longo, por adotar a concepção espírita, que se torna para ele a grande Verdade, a luz Vivificante.

Essa parte experimental constitui o estudo dos fenômenos psíquicos e espíritas. E para que esse estudo seja frutuoso, é indispensável conduzi-lo de uma maneira lógica e racional; é preciso decompô-lo em duas partes absolutamente distintas. Antes de tudo, a observação pura e simples dos fenômenos, o registro dos fatos, a discussão de sua realidade, de sua autenticidade. A seguir, quando se adquirir a certeza da veracidade desses fenômenos, pode-se e deve-se abordar o estudo da pesquisa ou das causas, isto é, a interpretação da origem dos fatos, do que pode produzi-los.

Muitos pesquisadores ou críticos, não observando suficientemente a distinção entre esses dois pontos, constatação de uma parte, explicação da outra, não podem chegar a um estudo frutuoso e conclusivo.

O que é o fenômeno psíquico?

De acordo com a etimologia da palavra, deveria ser aquilo que se relaciona com a alma. Na realidade, considera-se sob essa denominação todos os fatos revertendo um caráter oculto ou misterioso que parecem se produzir contrariamente às leis atualmente conhecidas da natureza.

Eu digo "que parecem" pois, na realidade, eu o repito, esses fenômenos não são de maneira nenhuma opostos às leis da natureza; um grande sábio inglês, Sr. Georges Sexton, disse:

"Eles mostram simplesmente a ação das leis e de forças superiores àquelas cuja ciência moderna tem conhecimento. Essas leis não estão em oposição com as outras, mas elas as subjagam".

Assim, se eu deixar cair um objeto da minha mão, ele vai cair no chão; por que? Em virtude das leis da gravidade, me direis vós. Mas se eu tiver esse objeto firmemente entre minhas mãos, ele não cairá. É porque a lei de gravidade está suspensa? Não de todo; ela age muito bem quando eu mantenho minha mão fechada; mas neste último caso, a lei de gravidade, em ação, está contrabalançada, aniquilada por uma força mais potente, aquela que emana de minha vontade e que age pelo mecanismo da minha mão; nisso não há nada que esteja em oposição com as leis da natureza.

Os fenômenos psíquicos são por isso fenômenos naturais, provocados por forças pouco conhecidas atualmente, anulando outras forças mais comuns, mais difundidas, mais vulgares.

Mas é preciso distinguir entre o fato real e o que parece ser um tal fato ou o que é a cópia. Dito de outro modo, quando se pensa constatar um fenômeno psíquico, ele pode se reproduzir em três casos:

1.º O fenômeno na realidade não existe, o assistente o aguarda com uma convicção tão profunda de sua produção que ele chega a ser persuadido de tê-la constatado objetivamente; é a alucinação, que pode ser pessoal ou coletiva, que se apresenta algumas vezes fraca, outras vezes completa;

2.º O fato se produz na realidade, mas devido a uma fraude consciente ou inconsciente, seja de um médium ou de um assistente, seja de uma das entidades invisíveis que se apresentam na sessão; a mistificação provém, segundo minha observação, mais frequentemente dos invisíveis do que dos vivos; entre esses últimos, a fraude involuntária é comum, exceção feita, entretanto, de meios puramente científicos onde o estudo é feito em condições de controle e de severidade absolutas;

3.º Enfim, o fenômeno na realidade não existe: ele não é o produto nem da alucinação, nem da fraude, mas de uma lei natural., eu repito, ainda insuficientemente conhecida.

Se eu fosse capaz de explicar essas três alternativas, é que eu tenho uma convicção absoluta, e devo indicá-la aqui, com o risco de destruir as ilusões de muitas pessoas que acreditam firmemente - e frequentemente com inteira boa fé - "fazer espiritismo" Eu me persuadi que os dois primeiros casos, alucinação, fraude consciente ou não, se apresentam frequentemente, senão de uma maneira nítida e formal, pelo menos, o mais comum, com uma certa quantidade de verdade.

Concebe-se pois quanto essa questão do fenômeno psíquico é delicada, e compreende-se por que, durante um longo tempo, aqueles que estudaram esses fatos se recusaram a ver aí somente a fraude ou a alucinação. Mas esses estudos prosseguiram com obstinação, e na hora atual, a realidade do fenômeno psíquico, daquele que está isento de todo erro ou confusão, é reconhecido de uma maneira formal na terra inteira por todos os sábios tendo qualidade para autenticá-lo; a verdade desse fenômeno não é mais contestada senão pelas pessoas preconceituosas ou de conhecimentos insuficientes: é mostrar ignorância, mesmo para o sábio mais ilustre de um país qualquer, que afirmar agora a inexistência dos fenômenos psíquicos; pode-se discutí-los, mas não é mais permitido negá-los e aí encolher os ombros, fechando os olhos e dando as costas.

Esses fenômenos existiram por todos os tempos, mas é sobretudo desde cerca de setenta e cinco anos que eles têm sido mais particularmente observados e que se tem estudado a sua classificação. Sir William Crookes foi um dos primeiros a apresentar uma lista de treze categorias de fenômenos; desde então, muitos outros sábios tem exposto alguns métodos de classificações diferentes; a maior parte começam primeiro por estabelecer duas principais subdivisões, por exemplo os fenômenos materiais e os fenômenos intelectuais; ou os fenômenos espontâneos e os fenômenos provocados; ou ainda fenômenos que ocorrem na própria pessoa do médium, e fenômenos que se passam fora dessa personalidade. Muitos dentre esses pesquisadores têm exposto classificações arbitrárias porque eles tinham estudado particularmente fenômenos especiais, como por exemplo, o Doutor Paul Gibier, que se dedicou por longo tempo à escrita direta.

Quanto a mim, achei excessivamente prático e metódico distinguir duas grandes categorias de fenômenos:

PRIMEIRA CATEGORIA - Fenômenos frequentes obtidos diariamente na maior parte dos grupos entregando-se a esses estudos e conduzindo quase sempre comunicações de inteligências invisíveis:

a) Tiptologia, pancadas, batidas. Essas comunicações se fazem pela designação de letras do alfabeto por meio de um certo número de golpes (de um a vinte e cinco), segundo a posição da letra no alfabeto ou por meio de uma prancheta especial, chamada "oui-jà", terminando na frente por um indicador que vem mostrar as letras necessárias em um alfabeto disposto sobre a mesa;

b) Escrita medianímica - A comunicação é escrita pela mão do médium, mas reflete mais ou menos a inteligência invisível que se apresenta; o fenômeno é nitidamente mecânico e o médium escreve automaticamente sem se dar conta da comunicação; nos casos mais interessantes, os caracteres são completamente diferentes da escrita do médium, e já se obteve comunicações assinadas, cuja escrita e a assinatura são identicamente aquelas encontradas na peças escritas, quando vivo, pelo defunto que se comunica;

c) Incorporação - Fenômeno prodigiosamente maravilhoso nos casos bastante raros de um médium extremamente desenvolvido; sua personalidade intelectual deixa seu corpo físico e se acha substituído por uma outra inteligência que vem se servir dos órgãos materiais colocados momentaneamente à sua disposição.

Antes de deixar essa categoria de fenômenos, digamos que eles se reproduzem cada dia milhares de vezes na França e também frequentemente em muitos outros países em toda a face da Terra; e milhares, dezenas, centenas de milhares de vezes cada dia, as inteligências que se comunicam assim persistem em declarar que elas são os Espíritos dos que viveram materialmente na terra (os adversários do espiritismo deveriam nos explicar a razão dessa inimaginável coalizção de indivíduos tão numerosos, desconhecidos uns dos outros, e que nos enganavam da mesma maneira!) Infelizmente, muitas experiências precipitadas tendendo à produção desses fenômenos dão lugar, geralmente porque sendo feitas por incompetentes ou em condições erradas e desajeitadas, a abusos, com mistificações (que aliás provêm dos próprios Espíritos, um mentiroso no Além túmulo, um

mentiroso) e dão lugar, infelizmente com frequência, a situações desagradáveis mais ou menos graves se traduzindo algumas vezes por perturbações nervosas, obsessões mais ou menos lancinantes, perseguições funestas e mesmo trágicas. É por que é recomendado não se entregar a essas experiências senão sob a direção de um espírito (verdadeiro) já experimentado.

SEGUNDA CATEGORIA - Fenômenos muito menos frequentes e algumas vezes muito raros:

a) Movimentos de objetos sem contato aparente, isto é, mudança de lugar, mesmo sob os olhos dos assistentes, de certos objetos, como se eles estivessem animados por si mesmos por uma faculdade motora que é evidentemente difícil de compreender;

b) Levitações, ainda mudança de lugar, mas cada vez mais enigmática, o objeto em questão, habitualmente inanimado (ou algumas vezes mesmo um corpo humano), deixando verticalmente o chão ou seu ponto de apoio para escapar durante um tempo mais ou menos longo à força da gravidade;

c) Escrita direta, obtida raramente mesmo sob os olhos dos espectadores, mas em condições que tornam impossível a execução dessa escrita por uma mão humana viva da existência material normal (por exemplo escrita entre ardósias escondidas, ou sobre um papel dobrado em um envelope selado ou em outros lugares forçosamente inacessíveis aos humanos);

d) Transportes, fenômeno também misterioso, consistindo na presença súbita, em uma sala de reunião (hermeticamente fechada com, se quiser, lacres sobre todas as aberturas, estas aferrolhadas ou solidamente fechadas), de um ou vários objetos, notadamente flores que não se achavam aí em alguns instantes aparecendo, essas flores formando um buquê mais ou menos volumoso, frequentemente ainda cobertos de orvalho, e que é fácil algumas vezes de se reconhecer como acabadas de ser colhidas no mesmo instante, embora não podendo logicamente crescer senão a milhares de quilômetros do local;

e) Aparições luminosas de fantasmas, visíveis para todos que assistiam à sessão e evoluindo sem encontrar nenhum obstáculo, nenhuma

resistência, nos objetos, nos móveis, nos assistentes, passando através das paredes, das portas e das janelas;

f) Materializações de certos fantasmas, que deixavam de ser imponderáveis e insubstanciais, para tornar-se ao contrário tangíveis, orgânicos e materiais no mesmo ponto que os vivos.

Mas, se a observação pura e simples dos fenômenos, não discutida agora por todos aqueles que podem dar suas opiniões, é profundamente interessante e deu lugar a todas essas classificações, a explicação desses fenômenos, sua interpretação, sua origem e suas causas são também cativantes; elas também deram lugar a classificações, das quais a primeira remonta igualmente a Sir William Crookes.

No momento atual, eu as classifico em cinco teorias sérias, fazendo abstração das que não podem mais ser levadas em consideração, como a teoria da coincidência que se apaga diante da multiplicidade de fenômenos, a teoria satânica anteriormente colocada por certas igrejas com a finalidade de desviar os fiéis do estudo do Espiritismo, assim como algumas outras teorias, mais ou menos barrocas, não emanam de observações apressadas, iluminadas, ou de preconceito.

TEORIAS PRINCIPAIS

1^o- TEORIA DO MAGNETISMO E DO HIPNOTISMO (leitura e transmissão de pensamentos, sonambulismo, clarividência, lucidez). - Para todos aqueles que estudaram a fundo o magnetismo e o hipnotismo, mas que não podem chegar a admitir a explicação espírita ela parece à primeira vista extraordinariamente estranha e paradoxal, um certo número de fenômenos, efetivamente, sobretudo as manifestações intelectuais, se apresentam em tais condições que a solução parece estar aí, e nós podemos dizer que com ela aí está, em parte, para um certo número de casos.

1^o- TEORIA DA TELEPATIA. A telepatia é a idéia ou a sensação experimentada por um sensitivo se reportando a um evento real ocorrido no mesmo momento, mas a uma distância ou em circunstâncias que fazem que seu conhecimento fora do sensitivo parece materialmente

impossível; em outros termos, é a transmissão de pensamentos espontânea e à distância, de sensações, imagens; a maior parte dos autores compreendem que essa transmissão não pode se fazer senão exclusivamente entre seres materialmente vivos.

Aqui ainda, como para a teoria precedente, podemos observar que certos fenômenos, igualmente entre as manifestações intelectuais, parecem verdadeiramente poder ser explicados por essa teoria, da qual ela mesma é uma parte.

3 º-TEORIA ANÍMICA (desdobramento do corpo humano vivo). - Esta que foi tão admiravelmente descrita por Aksakoff, o qual acreditou durante longo tempo poder tudo atribuir à ação exclusiva do médium, ao seu automatismo, ao desenvolvimento de sua personalidade, à exteriorização de suas faculdades sensoriais, motoras e intelectuais.

Segundo essa teoria, as entidades comunicantes seriam simplesmente personalidades fictícias, criadas de todas as peças pelo automatismo ou o desdobramento do médium.

Ainda aqui pode-se constatar efetivamente que um certo número de manifestações podem receber tal explicação, mas como para cada uma das teorias precedentes, há evidentemente fenômenos que não podem sustentá-la.

A teoria anímica pode ser verdadeira em certos casos, mas a conclusão exclusiva que se pode tirar daí é ilógica e irracional, pois essa teoria está inteiramente contida na doutrina espírita, não será capaz de ser separada, sabendo-se que o animismo não é senão um ramo dessa doutrina e não pode ser explicado senão por ela.

4 º - TEORIA DA SUBCONSCIÊNCIA. - Esta teoria se aproxima cada vez mais da tese espírita. A subconsciência não é outra, por assim dizer, senão numerosos estados da alma ou espírito. Vários de nossos sábios psiquistas modernos, e notadamente o Doutor Geley, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, afirmam ter provado cientificamente sua existência e mesmo demonstrado que ela pode se exteriorizar, isto é, que ela existe fora do corpo físico material, do qual ela é conseqüentemente independente e ao qual preexiste e sobrevive.

As considerações filosóficas e científicas, que decorrem dessas provas, levam esses sábios a acreditarem na palingenesia, que é a convicção espírita das existências sucessivas e das reencarnações, comportando a vida espiritual entre as diferentes vidas materiais.

Essa escola de sábios é a que mais se aproxima do espiritismo que ela termina em suma a admitir à exceção das comunicações de espíritos, dos quais ela não vê ainda a prova científica.

5.ª- TEORIA ESPÍRITA. - A interpretação espírita não é de todo, como muitos partidários do espiritismo o crêem, uma teoria completamente a parte das que a precedem. Ela as engloba e as completa por uma concepção geral explicando o todo, pois ela compreende ao mesmo tempo as teorias do magnetismo, da telepatia, do animismo e da subconsciência, e pode-se dizer, em suma, que a principal razão para que ela não seja aceita abertamente pela maioria dos científicos estudando a questão do ponto de vista espírita, é que a existência dos espíritos e sua interferência constante em nosso mundo reviram todas as bases atuais da ciência psíquico fisiológica.

Com a interpretação espírita, os fenômenos que não podem ser explicados por uma das quatro teorias acima chegam ao contrário a se compreender com uma nitidez notável. A interpretação espírita engloba ao mesmo tempo as quatro outras e as completa por uma concepção especial e geral que as explica todas e as faz compreender cada uma.

Eu insisto nesse ponto, pois eu gostaria de derrubar completamente a lenda difundida em profusão, que os Espíritos têm a pretensão de encontrar em todos os fenômenos psíquicos, a prova da existência dos Espíritos dos mortos.

Isso é um grande erro. Se alguns desses fenômenos não podem certamente se explicar de outra forma que não pela intervenção dos Espíritos daqueles que se tem o costume de chamar de mortos, por que outros podem ser, e são produzidos, por forças ou inteligências não emanantes obrigatoriamente desses Espíritos.

De uma maneira geral, a maior parte dos fenômenos psíquicos provam, em minha opinião, a existência do espírito, senão dos Espíritos; eles confirmam que a matéria não existe sozinha, que nossa personalidade, nossa individualidade, é nossa alma, nosso espírito, nosso corpo

espiritual, e não nosso corpo físico ou material. Eles demonstram também que as personalidades espirituais se influenciam umas às outras, se magnetizam, em outras palavras, também, senão melhores, quando elas estão desembaraçadas de seu corpo carnal, do que quando elas ainda se achavam presas a eles.

Evidentemente, a teoria espírita parece primeiro como um paradoxo para uns, um absurdo, uma puerilidade para outros; por causa desses primeiros julgamentos, com frequência dela se afastaram a priori; ela deve no entanto ser analisada a fundo por todos os que buscam realmente a verdade e a luz.

Seus partidários afirmam que a prova científica está feita; seus adversários sustentam o contrário, o que mostra bem, que uma prova para uns não o é para outros.

Entretanto, que quando se obtém, como o caso é produzido em grande número de vezes, mensagens escritas e assinadas que especialistas grafólogos declaram ser da mão de pessoas cujo falecimento é bem anterior a essas escritas e assinaturas ⁶, quando as comunicações são recebidas sob a forma de correspondências cruzadas ⁷, quando as inteligências invisíveis se tornam, pela materialização, palpáveis e perceptíveis, quando elas dão a seus familiares e amigos provas pessoais de sua identidade, sendo-se obrigado a constatar a existência dessas inteligências, malgrado sua inviabilidade comum.

Esses diversos casos são relativamente raros, porque não se tem geralmente a paciência e a perseverança necessárias para obtê-los; alguns convencidos confessaram ter esperado dez, vinte a trinta anos

⁶ *A escrita mediúnica cruzada prolifera em casos desse gênero.*

⁷ *Foi sobretudo na Inglaterra, que se especializaram nas correspondências cruzadas e que se prenderam a importância considerável que elas têm. Mas alguns pesquisadores franceses se ocuparam disso também. Eis aqui um exemplo, em francês, que fará compreender muito facilmente ao leigo em que elas consistem. Um grupo espírita de Paris recebeu esta comunicação através de um médium escrevente:*

expor e explicar

*te compreenderão, aí
outros não estão
ainda muito de
e quando sua
uma delas
ação se*

Entre a escrita dessas sete linhas incoerentes, se passa um instante de alguns segundos. Na mesma hora, um outro grupo, em Lyon, a uma distância de quatrocentos a quinhentos quilômetros do primeiro, recebe da mesma maneira a seguinte comunicação:

*Teu dever, é a
A verdade; os que
Virão, mas de*

antes de possuir essas provas, mas, como disse o grande sábio inglês Alfred Russel Wallace, profundo materialista tornado depois espírita encarnado, "os fatos são coisas irredutíveis". No momento atual, um certo número de obras espíritas formigam de relações desses fatos que constituem provas certas da existência dos Espíritos e de sua interferência constante em nossa vida.

*Prontos. Eles precisam
De vidas materiais diversas
Primeira educação em
Será diferente, a transforma
Fará totalmente sozinho*

Se, com a ajuda de cronômetros aferidos cerca de um segundo (por exemplo por T.S.F.), pôde-se constatar os instantes de interrupção entre as linhas escritas em cada um dos grupos, observa-se que eles coincidem rigorosamente com os momentos em que são inscritas as linhas comunicadas pelo outro grupo, tudo como se o comunicante se transportasse se transportasse de um grupo ao outro a cada linha.

(Observemos aqui que, para uma distância de 500 quilômetros percorrida com a velocidade da luz, é preciso a centésima parte de um segundo; a rapidez do pensamento é ainda maior).

Um dos dois grupos envia sua parte de comunicação ao outro, que a aproxima da sua para ter a mensagem inteira.

<i>Teu dever, é</i>	<i>expor e explicar</i>
<i>A verdade; os que</i>	<i>te compreenderão aí</i>
<i>Virão, mas</i>	<i>outros não estão</i>
<i>Preparados. É preciso</i>	<i>ainda muitas</i>
<i>Vidas materiais diversas</i>	<i>e quando sua</i>
<i>Primeira educação em</i>	<i>uma delas</i>
<i>Será diferente, a transforma</i>	<i>ção se</i>
<i>Totalmente sozinha.</i>	

Entretanto, eu me lembro sempre com que irônico ceticismo eu acolhia, no início de minhas pesquisas psíquicas, me parecendo essa idéia ainda infantil e divertida, da existência de Entidades invisíveis, seres imponderáveis suscetíveis de inteligência, de raciocínio e evoluindo no espaço em torno de nós de uma maneira que eu julgava então grotesca como esses cômicos bonecos de balão cheio de gás muito denso, que se elevam lentamente nas festas de feiras antes da ascensão de um aerostato.

A idéia da existência de um mundo suplementar àquele que nós conhecemos, é tão inverossímil à primeira vista, que se afastam certamente de seu estudo muitos indivíduos positivistas e ponderados que esquecem talvez com um pouco de pressa que, sem o telescópio e o microscópio, nós ainda ignoraríamos no momento atual quase a totalidade, do ponto de vista quantitativo, o que existe. A fotografia, combinada com esses dois preciosos instrumentos, nos dá provas materiais e duráveis, com o primeiro, da existência de centenas de milhões, e mesmo bilhões de mundos estelares e planetários, muitos dentre eles quase certamente habitados, e cuja existência era completamente ignorada há alguns séculos; a microfotografia, por seu lado, nos deixa provas não menos tangíveis da existência de uma quantidade, talvez mais considerável ainda, de seres infinitamente pequenos, totalmente desconhecidos há somente cem anos.

Eis que agora a fotografia transcendental ⁸ e aquela feita através dos raios do espectro solar ⁹, nos dão igualmente provas inabaláveis da existência de corpos fluídicos de vivos e de mortos.

⁸ *Na fotografia transcendental, a placa extra sensível registra corpos ou objetos que nossos olhos não vêem mas que existem já que ela os registra. Esses corpos são ligeiramente materializados ou permanecem inteiramente fluídicos? Há pessoas convictas de uma e outra dessas duas hipóteses. Em todo caso, muitos Espíritos de falecidos são assim fotografados.*

⁹ *A fotografia através dos raios solares nos permite igualmente o registro de corpos fluídicos inexistentes materialmente. Foi assim que o senhor A. Bouvier, de Lyon, pôde obter, em 1919, um clichê da mão e do braço ausentes de um soldado mutilado ao qual a amputação do dito braço tinha sido feita durante a guerra. Observa-se, nesse clichê, um defeito nervoso da separação de dedos, que o mutilado efetivamente tinha, em consequência de um acidente que provocou uma secção de nervos, mas bem anteriormente a sua amputação do braço.*

Após tudo isso, quando se considera o quanto a ciência ainda está no estado embrionário, quando se vê quantas coisas misteriosas e até então incompreensíveis designadas sob o nome de milagres ou outros, são explicados muito naturalmente pelo Magnetismo ou pela nova ciência das vibrações, das ondas e das radiações, chega-se a achar que Arago tinha verdadeiramente razão de considerar a afirmação de uma impossibilidade como uma grande imprudência.

O estudo da natureza do homem comporta principalmente dois grandes sistemas completamente diferentes um do outro: de acordo com a doutrina espiritualista, o homem é duplo; ele possui uma alma ou espírito e um corpo material, cada um nitidamente distinto por sua essência, suas funções e seu destino. O materialismo, ao contrário, admite no homem somente a realidade física; o cérebro, segundo ele, é o produtor do pensamento, como o fígado secreta a bile e o estômago o suco gástrico. Um desses dois sistemas pelo menos está errado; ora, ele mostra dia a dia que a teoria materialista é falsa; a bile ou o suco gástrico são líquidos orgânicos, enquanto que o pensamento é uma faculdade nitidamente abstrata que não pode ser produzida pelo cérebro, como se provaram de uma maneira formal, os relatórios de um grande número de cirurgiões, sobretudo nesses últimos anos, e notadamente os Doutores Troude, Couteaud, Bellot, Marchand, Guépin, Vandenbosh, Hallopeau, Robinson, Le Ford, Regard, Raffegeau, Mignard, Chanteaud, para não citar que nossos compatriotas tendo constatado, durante a última guerra sobretudo, que a ablação de uma

parte do cérebro não influencia as qualidades mentais e intelectuais dos operados.

A doutrina espiritualista parece ao contrário fazer progressos constantes e a hipótese espírita é ainda considerada pelas maiores sumidades nos estudos metapsíquicos onde a idéia da sobrevivência já encontra cada dia um número maior de adeptos. As da imortalidade e das vidas sucessivas assim a encontrar muitos partidários.

Isso é ter preconceito e parcialidade ao se opor com um simples encolher de ombros aos resultados de experiências científicas como as que se fazem, notadamente há alguns anos, nos centros metapsíquicos avançados, e rejeitar a teoria espírita sem tê-la estudado a fundo.

Eu já disse, e o repito, aqueles que chegam a poder aprofundar essa teoria de uma maneira completa, terminam por adotá-la; somente os que param no caminho podem se tornar adversários; ora, citam-se muitos pesquisadores e sábios que, anti-espíritas, se tornaram defensores obstinados dessa doutrina, ao passo que não se pode dizer que nenhum espírita verdadeiro a tenha renegado em seguida.

É verdade que, as primeiras comunicações são acolhidas com dúvida, com surpresa e é preciso, para entrar na via da crença, obter relações revestindo um caráter particular. Quando se tem a grande vantagem de dispor de vários médiuns e que se pode assim obter por uma grande quantidade de intermediários informações emanando, ora de uma só fonte, ora de várias, tem-se o sentimento muito claro de que se recebe verdadeiramente comunicações de inteligências individuais, estranhas à personalidade do médium. Adquire-se também a certeza, insuficientemente compreendida, muito infelizmente, que existem Espíritos de todas categorias e, infelizmente, que os maus ou os inferiores são em muito maior número que os Espíritos elevados, mas que estes últimos, entretanto, malgrado sua minoria, exercem um ascendente considerável sobre os outros. Ora, o que nos dizem esses Espíritos superiores?

Quando não se trata de comunicações familiares ou privadas, quando eles nos dão indicações morais de conjunto, eis aqui o que eles nos transmitem.

Comunicação obtida em 1919

"Vosso corpo de carne, dizem-nos eles, é somente um envelope material que aprisiona momentaneamente vossa verdadeira identidade imortal. Vossa vida terrestre atual é somente uma das numerosas existências corporais que vós tendes vivido e que sois ainda chamados a viver no porvir, para alcançar o fim ao qual vós estais destinados; se não tendes a lembrança de vossas existências passadas, é graças a uma lei benfazeja sem a qual vossa vida presente seria insuportável ¹⁰. Irmãos, que a morte não seja mais para vós um motivo pavoroso e de terror. Não a temais de modo algum; ela não é a terminação da vida, mas uma simples transformação de vossa existência, a qual, de material e física que é em grande parte, se tornará momentaneamente por esse fenômeno tão inutilmente temido, toda inteira de espiritualidade e de inteligência, se vós souberdes como adorá-la.

Pensai em vossa alma que deve crescer, se elevar e escalar degraus sucessivos à frente, pouco a pouco, trazer transformações, evoluções cujo resultado final é a Perfeição; sonhai também com a de vossos irmãos desencarnados ¹¹; vós sois solidários uns aos outros.

¹⁰ *Muitos espíritos reencarnam na mesma família; não é raro que, em dez, vinte, cinquenta vidas materiais sucessivas, dois, três, cinco, dez espíritos se encontrem reencarnados com laços de parentesco diferentes. Mas todos, ou mais ou menos, estando em estado de selvagens, de canibais, há cinquenta, cem ou duzentos séculos, lutando pela alimentação com obstinação, com ferocidade, um matando seu semelhante, seu irmão, para tomar-lhe o pedaço de carne que ele cobiçava. Imagine-se o Espírito de Caim reencarnado na mesma família, que Abel e cada um se lembrando de suas existências passadas! A lei do esquecimento, no reencarnado, é benéfica, como a de lembrar quando desencarnado.*

(Ver abaixo as explicações das palavras: encarnado, reencarnado, desencarnado.)

¹¹ *Encarnado, revestido de carne (materialmente vivo); desencarnado, falecido (há autores dizem também "liberados"); reencarnado, de volta ao mundo material.*

A verdadeira vida é toda no além túmulo; penetrai aqueles seus mistérios que vos é permitido conhecer; pensai que nada no mundo

pode ter para vós mais importância do que o conhecimento de vosso destino; procurai e achareis.

Levai em consideração que acima de vós um misterioso poder onisciente, centro de todas as inteligências universais, dirige todas as coisas, preside a harmonia dos mundos, rege o Universo e assegura o julgamento de todas as almas, mas que seu secreto conjunto de força e de Potência é também um maravilhoso lar de Amor de Justiça, de Bondade e de Misericórdia, e que vós jamais fareis apelo em vão se vossa prece for sincera, ardente e leal ¹². Observai a lei suprema dessa Toda Potência, lei que se contém em uma palavra: Amor. Mas o Amor

¹² A prece ao Todo Poderoso, ou à Misericórdia Divina, mesmo aos Espíritos que nos protegem, particularmente ao nosso Guia Protetor, pois todos nós temos um (é o Anjo Guardião dos Católicos) é uma alavanca de uma potência inimaginável, quando ela é bem feita; infelizmente, o mais frequente, o é mal. Uma igreja, um templo, uma sinagoga, uma mesquita, ou todo lugar de culto é propício à prece (por causa da facilidade de meditação), mas não indispensável; pode-se fazê-la em casa, sobre um assento mais ou menos confortável ou em uma cama de repouso. A preparação para a prece é absolutamente necessária e pode durar algumas vezes um longo tempo. É um recolhimento, uma meditação piedosa, durante os quais, é preciso se afastar pelo pensamento das contingências terrestres, das coisas materiais, de seu próprio corpo físico e pensar somente no que é abstrato, na elevação da alma, na espiritualidade dos que estão dos que estão no outro mundo, na Bondade da Fonte de Amor e de Justiça do Poder Divino. Quando nos sentimos bem em comunicação com aqueles a quem desejamos solicitar, nós rogamos.

Ler mecanicamente um missal ou um livro de preces não serve mais do que ler um romance. Recitar de cor uma prece, sempre a mesma, como uma lição e sem muito pensar no que se pronuncia, equivale quase a recitar uma fábula. A prece deve, em princípio, ser improvisada, em termos muito simples, não escolhidos; deve-se fazer como se fala correntemente, sem buscar um estilo ou uma redação refinados; ela deve partir do coração, da alma e será atendida se for profundamente sincera.

como vos ensinou o Cristo, esse grande Espírito puro e eminente cuja vida deveis tomar como modelo. Penetrai em seus conselhos: Amai-vos uns aos outros, praticai o bem, sedes bons, observai a Caridade, a Fraternidade, a Solidariedade, a Tolerância, a Indulgência e o Perdão, mas compreendei todas essas palavras. Amparai-vos uns aos outros; respeitai as idéias do outrem; não vedes inimigos em nenhuma parte;

amai todos os vossos irmãos, todos, qualquer que seja seu país, sua raça, sua fé, qualquer que seja a sua condição social, suas idéias e sua maneira de agir; assim, vossa alma crescerá e vós sereis chamados a uma felicidade, a gozos que não nos é infelizmente possível de vos descrever, vossos sentidos atuais insuficientes não vos permitem nos compreender completamente."

Quando as comunicações revestem um caráter mais particular, no lugar de permanecer assim em generalidades, isto é, quando elas emanam de familiares ou de amigos falecidos, elas não são menos interessantes, pois a maior parte desses Espíritos são de uma posição suficientemente elevada, eles jamais deixam de acrescentar conselhos no gênero daqueles que precedem: "Se eu tivesse sabido, confessam muitos dentre eles, como eu teria utilizado minha vida terrestre totalmente de outra maneira", e são então instruções urgentes, para os que estão ainda no mundo material para se melhorarem, e irem francamente na direção do bem e do melhor.

De uma maneira geral, o interesse material é quase sempre ausente de comunicações de Entidades do Além; mas, no domínio moral, quanto essa intervenção é útil e que resultados se pode dela tirar!

Infelizmente, como eu dizia agora mesmo, bem pouco numerosos são os que discernem plenamente a concepção espírita e suas consequências morais e sociais.

É por que eu não cessarei de repetir a cada um: Compreendei e dai-vos conta de que o Espiritismo é extremamente sério, para todos de uma importância capital que nada no mundo pode ser mais considerável; mas compreendei-o pela lógica e a razão, não vedes aí nada de misterioso, de mágico ou de sobrenatural; examinai com cuidado os perigos da parte experimental; se tiverdes de abordá-la, não o façais senão com as maiores precauções, a mais extrema prudência; não jogeis inconsideravelmente com os fenômenos cujo desenvolvimento não se pode prever.

Prestai a vossa melhor atenção sobre o Espiritismo filosófico e moral e quando, meus irmãos, vós vos derdes exatamente conta dessa concepção especial da universalidade do que ele é, tudo o que vos parece ainda obscuro nos lados misteriosos da Natureza e do destino humano, se iluminará para vós com uma claridade deslumbrante.

"Vós todos que estais sedentos de luz e de verdade, vinde beber dessa fonte celeste, disse Léon Denis: ela fará fluir de vossas almas uma onda refrescante e regeneradora; vivei por ela, vós suportareis mais alegremente os combates da existência, sabereis viver e morrer dignamente.

Capítulo IX

O verdadeiro espírita

O que é um espírita?

A resposta completa a essa questão necessitaria de desenvolvimentos quase tão consideráveis quanto os que Allan Kardec achou útil tratar para responder à interrogação: "O que é o Espiritismo?" Sua brochura portando esse título e aprofundando esse assunto perto de 200 páginas, está ainda no presente totalmente atualizada, malgrado os três quartos de século que separam a primeira da 55ª e última edição.

Do mesmo modo que, para muitos leigos, o Espiritismo consiste em fazer girar as mesas ou evocar os mortos, da mesma maneira se confunde a maior parte do tempo o Espírito com aquele que pesquisa ou obtém os fenômenos tão frequentemente descritos nas obras que tratam especialmente desse assunto.

Decerto, a experimentação espírita é útil, frequentemente necessária, algumas vezes indispensável; ela é com frequência muito interessante e mesmo, em certos casos, prodigiosamente cativante; mas não se deve chamar espírita senão aquele que a isso se entrega? Tal não é minha opinião.

O que é então ser espírita?

Ser espírita, é antes de tudo, praticar o bem e a moral que nos ensina a Doutrina espírita e isso pode existir tanto entre aqueles que jamais assistiram a alguma experiência ou não se interessaram, quanto entre aqueles que se apaixonaram por esses fenômenos, do mais vulgar, a mesa, ao mais interessante, a escrita mecânica, do mais maravilhoso, a incorporação mediúnica, ao mais inacreditável, a reconstituição temporária do corpo físico do espírito desencarnado.

Existem espíritas, - verdadeiros, e eu conheço - que nunca tomaram parte na experimentação, que mesmo não a conhecem. Há primeiro todos aqueles que eu qualificarei de "espíritas sem o saber", que praticam, docilmente e com alegria, sob a condução e ignorada de seu bom guia protetor, a lei divina, de Amor e de Bondade, sem jamais sair dela sob nenhum pretexto. Eles ignoram tudo da filosofia espírita, de tão alto alcance moral, mas eles a realizam tão perfeitamente como se

a possuísse a fundo; merecedores, embora incompletos, são pessoas de bem.

Há em seguida aqueles que a Doutrina espírita, desde que dela se aproximaram, se transportaram, se entusiasmaram, exaltando-se a um misticismo estático que os fazem desdenhar o lado experimental e não considerar senão o sentido moral, tão nobre, tão elevado! São idealistas e sentimentais. Há outros, enfim que, pelo estudo do verdadeiro espiritismo, chegaram à compreensão do Dever, à concepção da fraternidade universal e que, com ou sem os fenômenos, se dão conta do destino humano, do por que da vida e do objetivo final; eles agem em consequência.

O verdadeiro espírita segue sempre em linha reta o caminho que lhe ordena a consciência e que lhe dita o seu dever, mesmo se as consequências lhe devam ser penosas ou dolorosas. Ele conhece, compreende e aplica a Lei de Deus ou Lei da Natureza, eterna, imutável, isto é, a Lei do Amor de que resulta a aplicação da Bondade, da Caridade, da Justiça, em sua maior pureza. Ele se identifica de antemão com a vida espiritual e experimenta conformar sua vida material aos ensinamentos do Cristo. Pratica todas as virtudes, chega a se desembaraçar de todos seus vícios, de todos seus defeitos; tem a consciência pura, é simples, humilde e doce, mas sabe também ser alegre e se acha feliz em todas circunstâncias, a questão da Felicidade em relação aos outros, e essa comparação de sua situação em relação aos outros, e essa comparação se exercendo sempre com aquele menos favorecidos ou mais infelizes.

O verdadeiro espírita não considera ninguém como seu inimigo, pois reconhece em todos os humanos seus irmãos procedentes do mesmo Pai Divino e os ama a todos sem segunda intenção, quaisquer que sejam seu país, sua raça, sua fé, qualquer que seja sua condição social, suas idéias e sua maneira de agir. Sua simpatia pessoal pode entretanto ser mais ou menos por alguns de seus irmãos, mas os únicos que ele possa considerar como seus adversários e que ele não deve combater senão lealmente, são os materialistas que se recusam formalmente reconhecer qualquer coisa fora da matéria.

Isso, torno a dizer, que o bom espírita tem o espírito de tolerância e da maior indulgência para outrem, o mais severo para si mesmo. Ele não é

nem rancoroso, nem vingativo, nem mesmo suscetível; ele é afável e sociável com todos. Ele trata seus inferiores na escala social com benevolência, confiança e estima, é para aqueles acolhedor e afetuoso; ele procura o bem-estar alheio, lhes dá seu apoio moral e sua assistência material em todas as ocasiões; os considera sempre como seus iguais diante de Deus. Se ele depende de seus superiores e se acha sob a direção de um chefe, ele lhe é devotado, fiel, cuida de seus interesses como seus próprios e procura por todos os meios possíveis lhe prestar a maior satisfação.

Todos os animais, todos os vegetais, todas as coisas da criação são admirados pelo bom espírita; ele os protege e cuida deles. Ele jamais faz o mal intencionalmente e se percebe que o fez sem querer, ele procura por todos os meios possíveis repará-lo.

Aliás, o verdadeiro espírita faz sempre o bem pelo próprio bem e não por cálculo ou interesse pessoal, nem mesmo, por exemplo, com a idéia de ser recompensado ou de receber um bem em troca. Ele pratica a caridade sob todas as suas formas, anônimos, favores, socorro, cuidados físicos, consolações, reconforto, conselhos, inspiração, ensinamentos, moralização e mil outras maneiras que se acham nas instruções do Cristo.

O espírita muito sensato se mostra sempre de bom humor; ele não se coleriza e se esforça em combater em si a impaciência, a vivacidade, a acrimônia, ele não se zanga de modo algum, desculpa os outros, foge da provocação, do ardor, da exasperação; ele jamais se revolta, mesmo contra a mais flagrante injustiça que lhe inspira piedade, sacrifício e reparação e não furor, violência ou desordem; é porque o espírita que reflete é evolucionista e não revolucionário para procurar realizar o ideal de justiça, de fraternidade e de igualdade à qual ele aspira.

Mas o espírita completo não fica simplesmente na prática absoluta do bem. Ele se instrui constantemente, esforçando-se em tudo conhecer, aprofunda em todas as ciências e dedicando-se sobretudo ao estudo de seu destino, de sua individualidade, de Deus e o Universo, entregando-se também à pesquisa, sobre esses diferentes pontos, da verdade e da luz. E quando ele compreendeu, que teve a felicidade de beber dessa grande fonte de verdade e de luz que é o espiritismo, ele reconhece bem rápido que seu dever se completa pela propagação e a difusão

dessa felicidade em proveito de todos seus irmãos. Ele aprecia o objetivo final do espiritismo que é a melhora da humanidade e procura por todos os meios em seu poder a realização prática desse objetivo, notadamente sob a forma da melhora dos indivíduos. Ele não se atreve a esperar ainda, tudo admirando a sublime beleza dessa concepção ideal, ver como resultado a perfeição da humanidade.

E no entanto, como seria belo se os terráqueos, como provavelmente os habitantes de alguns outros planetas, chegassem à realização da teoria ideal espírita em uma sociedade em que tudo seria só fraternidade e solidariedade, onde não se fabricaria mais armas nem canhões, nem bebidas alcoólicas nem estupefacientes, nem toda sorte de coisas nocivas ou inúteis e onde não haveria mais nem soldados, nem escravos, nem assalariados, nem moeda e como encadeamento nem misérias, nem mal, nem vício. Infelizmente os políticos que afirmam ter esse ideal, em lugar de buscar a realização na ordem e na paz, só pensam em provocações, perturbações e revolução.

Haveria ainda muito a dizer se quiséssemos chegar a descrever o que deveria ser o espírita perfeito e ideal. Existe ou jamais viveu? Eu seria do ponto de dizer não, se uma pequena voz interior não me dissesse que remontando a 20 ou 25 de minhas existências anteriores eu me achei um dia em presença de um simples carpinteiro, espírito absolutamente perfeito, tão sublime que se acredita ainda confundi-lo com o próprio Deus. Eu o chamei de Cristo.

CAPÍTULO X

CONCLUSÃO

Eu disse porque eu sou espírita; expus de que forma bizarra e curiosa me tornei espírita; expliquei como compreendo o espiritismo; só me resta mais algumas palavras a dizer para concluir.

Certos espíritas afirmaram que eu não sou "Kardecista" porque eu não confirmo, literalmente, todos os detalhes ensinados por Allan Kardec. Todavia ser Kardecista é admitir completamente ponto a ponto todas as bases fundamentais do espiritismo tais como as expõe o mestre e eu declaro estar absolutamente certo e convicto ¹³ de todas as ditas bases; mas ele também escreveu: "Um último caráter da revelação espírita, e que sobressai mesmo das condições nas quais ela é feita, é que, se apoiando nos fatos, ela só pode ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação."¹⁴ Eu não vejo nenhuma divergência entre minha maneira de compreender o espiritismo e a exposta por Allan Kardec, se não o intervalo de tempo de 62 a 75 anos que as separam.

Passaram-se muitas coisas nesses três quartos de século¹⁵ e os adversários do espiritismo são sempre mais ou menos os mesmos:

1º - Alguns sábios;

2º - A maior parte dos padres;

3º - Os "sem opinião própria" (ou, digamos mais polidamente, aqueles que, se baseando na opinião dos precedentes, se deixam conduzir à provocação).

Eu não quero fazer as honras de um 4º grupo de opinião preconcebida ou daqueles que são pagos para denegrir o espiritismo.

Entretanto, a controvérsia com as duas primeiras categorias tem mudado do fato que em 1850/60, era bastante fácil negar pura e simplesmente o fenômeno psíquico, o qual não tinha ainda sido suficientemente estudado, nem sobretudo de uma maneira rigorosamente científica. A suposta produção era - e ainda é - frequentemente objeto de fraude, de mistificação ou de alucinação, de imaginação, que seus adversários, mesmo com toda a franqueza, faziam a regra geral e supunham, nos casos de fenômenos reais, que

eles foram enganados, sem ter podido desmascarar o "truque" ou eram eles mesmos vítimas da lamentável alucinação. Mas os fenômenos tendo sido estudados com aparelhos científicos de gravações automáticas, balanças de precisão, controles elétricos, etc, foram forçados a admitir a sua realidade, quando ela se apresentava, e de consagrá-la; isso permite, no momento atual considerar sua possibilidade de produção como definitivamente provada.

Devemos por isso, nós outros, espíritas, dar reconhecimento aos sábios psíquicos, mesmo com respeito àqueles que, não somente, não admitem o espiritismo (fundamentalmente mal apresentado e mal...representado), mas ainda o combatem e se declaram adversários absolutos.

Aqui eu não posso me impedir de exprimir minha veneração, minha profunda gratidão (e as, disso estou convicto, da unanimidade dos espíritas sinceros) ao Sr. Jean Meyer que fundou não somente a União Espírita Francesa e a Federação Espírita Internacional, mas ainda outras instituições, notadamente o Instituto Metapsíquico Internacional. É graças a esta última organização que foi definitivamente reconhecida, pela ciência, e realidade dos fenômenos psíquicos.

E desde esse reconhecimento, tornado por assim dizer oficial, o número de sábios aderindo à hipótese espírita tornou-se cada vez mais importante, sobretudo no estrangeiro. Pode-se citar espíritas entre professores nas Universidades de Oxford, de Cambridge, de Birmingham, de Harvard, de Leipzig, de Genebra, de Turim, de Varsóvia, de Petrogrado, da Pensilvânia, de Colúmbia, membros da Academia Real de Londres, da Academia Nacional dos Estados Unidos, independentemente de fisiologistas, de matemáticos, físicos, químicos, astrônomos, naturalistas, funcionários públicos, escritores, etc... Na França, onde a origem da instrução é geralmente baseada mais ou

¹³ *Eu estou completamente certo de que tive a prova do que digo; estou convencido de que outros avançam quando a minha razão me diz para diz para aprovar.*

¹⁴ *Caracteres da Revelação espírita, Artigo 55 (A Gênese).*

¹⁵ *A primeira edição do "Livro dos Espíritos" data do início de 1857.*

menos em antigas teorias materialistas, há ainda uma certa maioria de sábios contrária à idéia espírita, mas ela vem, pouco a pouco, a passos hesitantes, à medida que ela adquire importância que é preciso, negligência e infantilidade de alguns, observa mais e se obstina menos. Ela só pode avançar, essa maioria, muito lentamente, pois cada novo ponto adquirido deve ser longa e definitivamente gravado antes de ir mais longe.

No momento atual, os que continuam adversários dizem em princípio isto: "Para determinar a causa de novos fenômenos, é preciso procurar nos conhecimentos já certos e aí ligar-se" (perfeito como início, se conhecêssemos todas as leis da natureza). E como se quer absolutamente ligar essa causa a um conhecimento já adquirido, se é obrigado a fazer novas suposições fragilmente escoradas e deixar inexplicados muitos fenômenos, quando eles não podem ser atribuídos à ação de um ser humano provido de um corpo físico. Eu digo "inexplicados" pois as explicações de "consciência sublime", de "consciência universal", de "inteligências coletivas" não podem ser admitidas como conhecimentos anteriormente adquiridos e necessitam eles mesmos de hipóteses tão extraordinárias e bizarras como as da Sobrevivência, do Além túmulo e de suas comunicações. No entanto, será preciso aí chegar; mas alguns só o farão quando não for mais possível fazer de outra maneira: inventarão novas palavras; apresentarão novas teorias.

O Espiritismo é uma fé, dizem outros. Eu reconheço que a maior parte dos espíritas têm uma fé, mas que o espiritismo seja uma fé, eu não compreendo. Se, por "fé", se quer compreender "crença", eu digo que não; sobre muitos pontos, é "certeza"; sobre outros, é "convicção"; sobre outros ainda é "probabilidade"; sobre alguns enfim é "possibilidade".

Sem procurar no tornar-se (ao contrário, querendo me esforçar em desmascarar o que eu tomava como erro), eu me tornei espírita, constrangido pelos fatos, cheio de admiração pela nobreza de sua moral explicada e raciocinada. Foi em seguida somente que a fé chegou a mim.

Outros sábios, que abandonam pouco a pouco as teorias materialistas, admitem já "a alma ou o espírito" no homem vivendo sua vida orgânica e imputam ao espírito dos vivos o que os "ingênuos espíritas", dizem eles,

"atribuem ao espírito dos mortos". Não lhes é possível por um instante pensar na Sobrevivência, eles estão tão seguros de sua impossibilidade, como se esta última fosse coisa provada. No entanto, é tão plausível pensar que a destruição completa (que é antes a transformação) de coisas materiais ou orgânicas está provada pela morte física, apesar de que a das coisas imateriais ou fluídicas ainda jamais foi. Esses sábios, que aceitam a alma ou o espírito no homem vivo, estão no caminho e se eles não avançam, é frequentemente por culpa de certos espíritas que afirmam somente a intervenção do espírito dos mortos em todos os fenômenos psíquicos. Muitos desses fenômenos são produzidos por Espíritos de vivos ¹⁶, mas os Espíritos dos mortos, quando eles querem (não esqueçamos) o reproduzem com mais facilidade ainda.

Muitos sábios tratam desdenhosamente os espíritas, consideram-nos como "amadores" não tendo nenhum saber, audaciosos que invadem suas prerrogativas se metem em coisas de seu domínio. Há evidentemente entre os espíritas, simplistas, ingênuos, muito crédulos, místicos excessivos que não deveriam se ocupar dos fenômenos, mas os intelectuais anti-espíritas que se classificam na categoria dos sábios, não deveriam esquecer que seus predecessores repeliram mais ou menos todas as grandes invenções e descobertas em todos os domínios, no momento de suas aparições, e que isso continua!

¹⁶ *Eu só quero citar um exemplo obtido com a médium Eusápia Paladino, em uma sessão que se deu no dia 27 de julho de 1879, em Montfort-l'Amaury; ela estava presa por todos os lados, o Sr G. de Fontenay mantendo-lhe o lado esquerdo, seus joelhos e seus pés, o Sr. Camille Flammarion controlando todo o seu lado direito da cintura à cabeça, esta última repousando sobre seu ombro esquerdo (de C.F); nessas condições, obteve-se, a três ou quatro metros de distância, a impressão do perfil do rosto de E. Paladino em um bloco de mastique de vidraceiro, amolecido com óleo de linhaça. (Ver obras de G. de Fontenay, C. Flammarion, G. Delanne).*

Eu não quero repetir aqui a famosa dedicatória humorística e furiosamente satírica de Eugène Nus à sua muito interessante obra "Cosas do Outro Mundo" (publicada há cerca de cinquenta anos); ela é muito mordaz, mas é literalmente exata. Se muitos espíritas são ingenuamente crédulos, muitos sábios são ingenuamente céticos.

A maior parte dos padres, sobretudo da religião católica, são também anti-espíritas, mas há nisso uma razão majoritária; a palavra de ordem que vem de Roma.

Não quero fazer aqui uma crítica à religião católica, aqueles que a procuram achá-la-ão toda ao longo de um volume de 300 páginas, ainda por E. Nus, intitulado "Dissecação do catolicismo" ¹⁷, cujas quarenta linhas ofensivamente cáusticas, da apresentação ao leitor, são de uma mordacidade talvez excessiva ¹⁸.

O autor quis levar em conta os benefícios enormes trazidos, nos tempos passados, pela religião de Roma e sobretudo pelo Cristianismo. A balança está certamente no ativo e não no passivo da Igreja e devemos lhe ser muito reconhecidos. Mas o lado religioso da Concepção Espírita é animado mesmo de preceitos da religião "crística" ¹⁹, tal como existia no começo da Era Cristã, antes do Concílio de Nicéia e da obra dogmática da Igreja. Essa concepção é por isso uma heresia para Roma, (malgrado que os primeiros cristãos se comunicavam com os Espíritos dos mortos e estavam convictos da reencarnação).

Além disso, os espíritas têm relações com os Espíritos às vezes pouco evoluídas e mesmo algumas vezes muito inferiores, que muitos principiantes não sabem como tratar. Roma condena por isso os espíritas "como pactuando com Satanás e seus demônios"; ela proíbe seus fiéis de se ocupar dessas práticas malditas e ordena a todos seus padres difundir essa interdição.

¹⁷ Ed. E. Flammarion, 1894.

¹⁸ Eu prefiro muito a crítica menos violenta de Léon Denis em *Cristianismo e Espiritismo*.

¹⁹ Eu denomino religião "Crística" aquela que foi ensinada pela própria palavra do Cristo.

Para todos os que a ameaça de excomunhão assusta, o melhor é não se ocupar com o espiritismo; mas todos aqueles que não têm necessidade, que pensam por si mesmos, que não toleram que seus atos sejam guiados por um diretor de consciência, que reconhecem que todo cérebro humano, liberado de certas dominações, tem o direito de se instruir e de pensar; todos aqueles estão preparados para refletir nas graves questões que foram tratadas nesse volume. Todos eles reconhecerão com franqueza que o Espiritismo, do ponto de vista de sua Concepção Geral, é a Explicação da Vida, e a origem de todas sortes de felicidades antes, durante, e após a vida material do homem. Eles perceberão essa grande fonte de luz e de verdade tão indispensável à nossa vida intelectual como o beber, o comer e o sono são necessários à conservação de nossa vida orgânica.

Eu não tenho a pretensão de afirmar que não haja outros aspectos da luz e da verdade, mas estou convicto de que esse apresentado pelo Espiritismo é um dos mais, senão o melhor, compreensível pela massa; para os privilegiados destinados a penetrar mais adiante, é um trampolim deixando mais fácil a ascensão aos cumes maravilhosos do Conhecimento.

Não nos preocupamos em sermos ridicularizados e com quantidade suficiente de incrédulos; compreendamos que ser espírita em toda a acepção da palavra constitui uma felicidade, um privilégio que implica em dever imperioso para aquele que é o beneficiário; transmitir esse privilégio aos outros ou, pelo menos, lhes facilitar de provar as mesmas alegrias.

Por outro lado, rejeitemos os supostamente espíritas desonestos (isso não poderia ser, um espírita, por definição, só pode ser honesto); repudiemos todos os charlatães, todos os exploradores, todos aqueles que buscam o dinheiro agindo em favor ou contra o espiritismo.

Eu guardo para o final duas recomendações; a primeira é endereçada aos espíritas, a quem eu relembrei algumas palavras de Ch. Trufy: "Cuidemos, como eu mesmo cuido, sobre alguns de nossos irmãos de fé, cujo zelo é muito ardente, ou cuja educação espírita é imperfeita e que, pensando de boa fé servir nossa causa, a comprometem, entregando-a à chacota e ao desprezo de nossos adversários. "

Enfim, para a segunda, preciso terminar falando dos perigos e inconvenientes do espiritismo experimental ²⁰ .

Não nos assustemos e não acreditemos em nossos adversários quando eles agitam o espectro da Loucura diante de nossos olhos; a loucura mística ou religiosa é muito menos frequente entre os espíritas que em muitos outros gêneros de misticismo e de devoção; quanto à obsessão.

Ela só ameaça os imprudentes, como em muitas experiências mal empreendidas, e é facilmente curável. Quando nós tivermos seriamente estudado os perigos e inconvenientes da experimentação espírita e compreendido que esta última deve sempre se fazer de uma maneira religiosa e conforme à moral, teremos parado aos três quartos.

E. Castant, em seu Método de Desenvolvimento das faculdades supranormais, atrai a atenção sobre a necessidade de obediência à lei moral nesse desenvolvimento e sobre os perigos que se corre quando não se sujeita aí; ele acrescenta: "Toda ciência tem sua contrapartida, para o bem ou para o mal, e não convém adorar as ciências psíquicas por brincadeira ou por simples curiosidade".

Isto pode aplicar-se a tudo o que diz respeito aos fenômenos do espiritismo experimental os quais, de uma maneira geral, não deveriam ser pesquisados senão por especialistas sábios ou experimentados, em todos os casos muito versados na matéria teórica antes de abordar a prática. Até um certo ponto, eu compreendo muito bem as recomendações de muitos teóricos preconizando de não se ocupar dos fenômenos; mas isso não é quase nada do que pesquisam como materialistas, como eu era outrora, chegaram a Verdade. E aí nisso ainda têm muito.

²⁰ *Eu já disse algumas palavras nas páginas 35 e 36 (Capítulo VIII, 1^a e 2^a categoria).*

G. MELUSSON

APÊNDICE

Sugestões de leituras

Se desejarmos estudar o espiritismo pela leitura, é preciso primeiro ler as obras fundamentais de Allan Kardec: "O que é o espiritismo?", "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno", "A Gênese", "Obras Póstumas", assim como as de Léon Denis: "Após a Morte", "No Invisível", "O Problema do Ser e do Destino", "Cristianismo e Espiritismo", "O Grande Enigma". Há aí doze volumes formando mais de cinco mil páginas que devem ser lidas, pelo menos, de três a seis meses, na razão, por dia, de vinte a trinta páginas de Allan Kardec ou trinta a cinquenta páginas de Léon Denis; pode-se inverter a ordem acima mas eu recomendo começar pelos três primeiros de Allan Kardec ²¹ e os dois primeiros de Léon Denis.

Não percorrer os livros escolhendo capítulos nos índices, mas ler atentamente e na ordem a totalidade dos volumes começando primeiro pelas introduções, Prefácios, etc; não passar para um novo capítulo senão quando se conhecer completamente os precedentes.

Quando se tiver lido esses doze volumes, se saberá nitidamente o que é o espiritismo. Dever-se-á em seguida se aperfeiçoar lendo outras obras de importância capital, notadamente:

As obras de Gabriel Delanne: "A Alma é Imortal", "O Espiritismo perante a Ciência", "Pesquisas sobre a Mediunidade", "A Evolução Anímica", "As Aparições materializadas de vivos e de mortos", (2 volumes), "O Fenômeno Espírita".

²¹ *O Livro dos Médiuns antes do Livro dos Espíritos, para aqueles que têm necessidade da parte científica e experimental antes da parte filosófica.*

Obras de Léon Chevreuil: "Não se morre", "O Espiritismo na Igreja", "O Espiritismo Incompreendido".

Obras de Ernesto Bozzano, notadamente cinco volumes sobre "As Manifestações e Fenômenos"; o livro que o Dr. Gustave Geley publicou sob o pseudônimo de "Dr. Gyel" e intitulado: "Ensaio de Revista Geral e interpretação sintética do Espiritismo".

Duas obras de Conan Doyle: "A nova revelação" e "A mensagem vital"; do Dr. Léon Wauthy: "Ciência e Espiritismo"; de Félix Remo: "O Espiritismo Humanitário", "A Peregrinação das Existências", "A Travessia da Vida"; os volumes mais ou menos humorísticos de Eugène Nus: "Coisas do Outro Mundo", "Na Pesquisa dos Destinos", "Os Novos Dogmas", "Os Grandes Mistérios", "Nossas Infantilidades", "Dissecação do Catolicismo", "As Origens e os Fins".

De tempos em tempos se esgotarão as obras não lidas de Allan Kardec, sobretudo aquelas relativas a diversas Instruções, as de Léon Denis: "Joana d'Arc Médium", "O Mundo Invisível e a Guerra", "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível"; as obras do Doutor G. Geley: "O Ser Subconsciente", "Do Inconsciente ao Consciente", "Ectoplasma e Clarividência".

Todas essas obras, ou mais ou menos, farão parte da Biblioteca de Filosofia Espiritualista moderna e de ciências psíquicas (edições Jean Meyer; solicitar seu catálogo, à rua Copérnico, 8, Paris), ou na falta à Livraria de Ciências Psíquicas (edições P. Leymarie, à rua Saint Jacques, Paris). A primeira é designada mais adiante por B. P. S.; a segunda por Saudades L. S. P.

A leitura dessas obras trará um conhecimento aprofundado do espiritismo.

Mas as obras escritas a favor ou contra o espiritismo se contam por milhares, nada senão pela língua francesa; existe tanto em línguas inglesa, alemã, espanhola, italiana, etc...; um grande número aliás de traduções.

Eis aqui uma lista que é simplesmente indicativa e não limitativa; ela está forçosamente, incompleta e eu peço desculpas antecipadamente pelas omissões.

O estado de esclarecimento do espírita após as leituras acima recomendadas permitirá então abordar as obras escritas contra o espiritismo notadamente as de A. Jeanniard du Dot; Paul Heuzé; o Dr. J. Lapponi, médico dos Papas Leão XIII e Pio X "O Hipnotismo e o Espiritismo"; F. de Mirclair, "O Demônio Espírita" (edições Fulgor, Paris); Sr. Rémy, "Espíritas e ilusionistas"(edições Leclerc, Paris); o Dr. Philip Davis, "O Fim do Mundo dos Espíritos" (Livraria ilustrada, Paris); I. Bertrand, "A Religião Espírita" (edições Blond e Barrel, Paris). Os abades

Segaud, Moreux, Bolo, J. Cuquel, Lenglet, Gonnet, Is, Leroy, Thiboudet, C. Poussin; os RR, PP. A. Matignon, "Os Mortos e os Vivos" (edições A. Le Clerc e Cie, Paris), "A Questão do Sobrenatural"; Th. Mainage, "A Religião Espírita" (edições da Revista dos Jovens, Paris); "Imortalidade" (B. P. S.); Louis-Marie Sinistrari, "Da Demonialidade".

De uma maneira geral, essas obras confirmam a idéia espírita em vez derrubá-la. Aliás, certos religiosos ultrapassando o veto de Roma, têm escrito livros admiráveis, tais como: O Padre V. Marchai, "O Espírito Consolador ²²", "A Dúvida" (igualmente esgotado e mais ou menos não encontrável).

Entre as outras obras em francês sobre o espiritismo e cuja leitura eu recomendo citarei as seguintes:

(Aquelas cujo editor não é nominado se acharão facilmente na B. P. S., rua Copérnico, 8, Paris, e na L.S.P., rua Saint - Jacques, em Paris, seja em DURVILLE, rua Grands-Augustins, em Paris).

²² *Essa obra prima, cujos exemplares foram procurados por toda parte para serem destruídos, é raríssima, mas foi feito um estudo contendo três numerosas passagens, P. Bodier. "Estudo documentário sobre o livro Espírito Consolador", do R.P.V. Marchal (B.P.S.).*

LADO CIENTÍFICO E DE INTERESSE GERAL

Camille FLAMMARION - As Forças Naturais Desconhecidas. - O Desconhecido e os Problemas Psíquicos. - As Casas Mal - assombradas. - A Morte e seu Mistério.

Dr. Paul Gibier. - Análise das Coisas. - O Espiritismo.

Sr. BONNAMY. - A Razão do Espiritismo.

D. WAHU. - O Espiritismo (esgotado)

D. METZGER. - Ensaio do Espiritismo Científico.

William BARRETT. - No Limiar do Invisível (traduzido do inglês).

William CROOKES. - Pesquisas sobre os fenômenos do Espiritualismo (traduzido do inglês).

Alex AKSAKOFF. - Animismo e Espiritismo

Dr. Ch. RICHET. - Tratado de Metapsíquica. - Nosso sexto sentido

Dr. E. OSTY. - O conhecimento supranormal.

(O professor Ch. RICHET e o Dr. OSTY se dizem não espírita).

Prof. Hans DRIESCH. - O Homem e o Mundo. (H. Driesch, um dos maiores sábios alemães, se diz "amigo da hipótese espírita").

Oliver LODGE. - A Sobrevivência humana,. - A Evolução biológica e espiritual do Homem. - Por que eu creio na imortalidade pessoal (todos três são traduzidos do inglês).

Sr. SAGE. - Senhora Piper. - O sono natural e a Hipnose,. - A zona fronteira entre o Outro Mundo e este.

Ed. WIETRICH. - O Enigma da Morte. - O Porvir e seu Mistério.

Frederico MYERS. - A Personalidade humana.

Ch. TRUFY. - Entretimentos familiares espíritas (edições Chamuel).

W. JAMES. - Estudos e reflexões de um Psiquista (traduzido do inglês).

Ch. LANCELIN. - A vida póstuma. - A Alma humana. - Como se morre, como se nasce. - A Fraude na produção dos fenômenos mediúnicos.

Ed. DUPOY. - Para Além da Vida (edições Vigot Frères, Paris).

V. TOURNIER. - A Psicologia do bom senso. - O Espiritismo diante da Razão.

A. PEZZANI. - A pluralidade das existências da alma.
P. - E. CORNILLIER. - A sobrevivência da alma.
H. BARADUC. - A Alma humana
Dr. J. GRASSET. - O Espiritismo diante da Ciência.
Alex BELLEMARE. - Espírita e Cristão.
Alfred BENEZECH. - Souffrir, Revivre. - Os Fenômenos psíquicos e a Questão do Além-túmulo.
G.-P. DURAND (de Gros). - O maravilhoso Científico (edições Alcan).
CLARC. - Antes, durante e para além da Vida terrena.
C. LOMBROSO. - Hipnotismo e Espiritismo.
F. BOIRAC. - A Psicologia desconhecida.- O Porvir das Ciências psíquicas. - Estudo científico do Espiritismo.
C. PICONE-CHIODO. - Os Mortos vivem e podem comunicar-se conosco? (edições M. Ockert).
A. ZALTZMANN. - O bom Caminho. - A Terra do porvir. - O Livro da Vida.
ERNY. - Psiquismo experimental.
SDEM. - Não creio que os Mortos estejam mortos.
C. CHAIGNEAU. - Os Crisântemos de Maria (edições Dentu).
Senhora Claire GALICHON. - Imitação de Jesus-Cristo.
L. - A. CAHAGNET. - Santuário do Espiritismo
René Kopp. - Introdução geral ao estudo das Ciências ocultas (L.S.P.)
G. BOURNIQUEL. - As Testemunhas póstumas.
Jules BOIS. - O Mundo Invisível. - O além-túmulo e as Forças desconhecidas.
Henri BRUN. - A nova Fé.
Senhora Catherine CROWE. - Os lados obscuros da Natureza (trad. do inglês).
G. DANVILLE. - O Mistério psíquico.
Henri REGNAULT. - Os Vivos e os Mortos. - A Morte não existe.
Henri DECHARBOGNE. - O que sabemos do Além-túmulo.

FENÔMENOS E FATOS

J. MAXWELL. - Os Fenômenos psíquicos.

Prof. Rocco SANTOLIVIDO. - Observação de um caso de mediunidade intelectual.

Dr. A. SCHRENCK-NOTZING. - Os Fenômenos físicos da mediunidade.

C. DEVESME. - História do Espiritualismo experimental.

A. AKSAKOFF. - Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium.

Dr. P. Gibier. - As materializações de fantasmas.

Ellen S. LETORT. - Ensaio sobre as materializações.

Dr. G. GFIFY. - Contribuição do estudo das correspondências cruzadas.

E. CASLANT. - Método de desenvolvimento das faculdades supranormais.

H. LACROIX. - Espiritismo americano.

Senhora J. Alex BISSON. - Os Fenômenos ditos de materialização, - O mediunismo e a Sorbone.

Senhora E. D'ESPÉRANCE. - No país da Sombra (L.S.P.).

M. FRONDONI-LACOMBE. - Maravilhosos fenômenos do Além-túmulo (impresso em francês em Lisboa; venda na T.S.P. e B.P.S.).

Senhora Rosa AGULLANA. - A Vida vivida de um médium espírita.

E. GAL. - Sobre a terra, a Vida do Além-túmulo.

Léon DE BUSSAC. - As materializações do castelo da Rousseille.

Haralduc NIELSSON. - Minhas experiências pessoais em espiritismo experimental.

Paul BODIER. - Como se tornar Médium (L.S.P.)

Senhora Florence MARRYAT. - Não existe Morte (trad. do inglês) L.S.P.

OBRAS ESPECIAIS SOBRE A MESA

Eug. NUS. - Coisas do Outro Mundo.

G. SIMON. - As Mesas Girantes de Jersey.

W.J. CRAWFORD. - A Mecânica psíquica.

G. CUDERC. - O Segredo das Mesas vivas.

C. GRILLET. - Victor Hugo espírita.

BÉNEZÉT. - Mesas girantes.

OBRAS ESPECIAIS SOBRE A REENCARNAÇÃO

C. BONNET. - A Palingenesia (obra editada em 1769).

G. DELANNE. - A Reencarnação.

H. REGNAULT. - Tu reviverás.

E. E. BONNET. - Jacques, Jacqueline (edições Pierre Bonnet, Paris).

Senhora DE BEAUVAIS. - O Cavaleiro errante, estudo crítico da reencarnação.

PAPUS (Dr. G. ENCAUSSE). - A reencarnação.

OBRAS ESPECIAIS SOBRE O ANIMISMO

A. AKSAKOFF. - Animismo e Espiritismo.

Hector DURVILLE. - O fantasma dos Vivos (edições Henri Durville, Paris).

G. DE FONTENAY. - A propósito de Eusápia Paladino.

COMUNICACÕES ESPIRITAS

R. NOEGGERATH. - A sobrevivência (L.S.P.).

Baronesa DE W... - Extratos de comunicação medianímicas.

R. SENSIER. - Após a travessia.

Senhora DE BEAUVAIS. - Um clarão na noite.

Suzanne MAX-GETTING. - Os missionários do Astral (L.S.P.). - Lembrança da Palestina.

SALTZMAN. - Na busca da verdade (casa do autor, rua Francisque-Sarcey, Paris).

ROMANCES ESPÍRITAS

Th. GAUTHIER. - Espírita.

H. BORDEAUX. - O fantasma da rua Michel-Ange.

J.-H. ROSNY mais velho. - A iniciação de Diane (edições Flammarion).

Dr. Lucien GRAUX. - Reencarnado. - Assombrado. - Iniciado. - Saturnin e saturnien.

E. BONNEMERE. - O Romance do Porvir.

Paul BODIER. - A vivenda do Silêncio. - O Apóstolo. - O Solar das Sombras.

Eug. CONTARD. - Ninguém. - A Sombra sobre a estrada.

MARCILE. - Susanne Fontenay. - Noivo sem o saber.

BIBLIOGRAFIAS

J. MALGRAS. - Os pioneiros do espiritismo na França.

Henri SAUSSE. - Bibliografia de Allan Kardec.

G. LUCE. - Léon Denis, o apóstolo do Espiritismo.

Claire BAUMARD. - Léon Denis na intimidade.

Eu devo enfim mencionar que já vi projetar um certo número de filmes cinematográficos, uns com tendência nitidamente espírita e vários unicamente baseados na concepção do espiritismo.

Algumas peças de teatro trataram desse assunto, notadamente "Espiritismo", de Victorien Sardou; "Em alto mar", de cujo autor eu peço

desculpa por não me lembrar o nome; "A Grande Experiência", de André Karquel e Alfred Tirard.